

O colonialismo alemão representado nos media no período entre as guerras

(Versão corrigida e melhorada após a sua defesa pública)

Ana Carolina Moreira Martins

Dissertação de Mestrado

Em Literaturas e Culturas Modernas (com especialização em estudos alemães)

4 de outubro de 2022

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Literaturas e Culturas Modernas, realizada sob a orientação científica de Professor Doutor Fernando Clara.

Agradecimentos

Esta dissertação é dedicada à minha família, com um agradecimento especial aos meus pais, com quem posso sempre contar, e aos meus amigos que foram os melhores conselheiros que podia ter pedido.

Quero também agradecer à Professora Vera San Payo de Lemos, que me encorajou a não desistir de alargar os meus conhecimentos na área de estudos alemães e a fazer um mestrado na área.

Agradeço ao Professor Doutor Fernando Clara por ter aceitado ser o orientador desta dissertação e por me ter guiado e ajudado sempre que necessitei. As suas sugestões e reforço positivo foram essenciais ao longo do desenvolvimento deste trabalho.

Por último, obrigada a todos aqueles que não desistem desta área e cujos esforços permitem que as novas gerações explorem o seu interesse pelos estudos alemães.

O colonialismo alemão representado nos *media* no período entre as guerras

Ana Carolina Moreira Martins

Resumo

A investigação centrar-se-á no modo como o colonialismo era representado pelos media alemães durante o período entre as guerras, que durou de 1919 a 1939 e engloba marcos importantes da história alemã, nomeadamente a República de Weimar e o início do nacional-socialismo.

Neste sentido, apresenta-se a seguinte pergunta de investigação: a ausência de colónias levou a uma compensação ou uma continuidade de imagens e conteúdo relacionados com o colonialismo por parte dos media? De forma a responder-lhe, utilizarei diferentes fontes de informação, que se baseiam sobretudo em publicidade, em imagens e no cinema. Assim, será apresentada uma abordagem que englobará várias disciplinas, como a história e a arte, assim como uma descrição histórico-cultural da Alemanha na época em questão, havendo também uma exploração abrangente do conceito de media.

Palavras-chave

Alemanha, Arte, Cinema, Colonialismo, Cultura, Media, Publicidade

Índice

Agradecimentos	I
Resumo e palavras-chave	II
Lista de figuras	IV
Introdução	1
Capítulo 1- O colonialismo e os media na Alemanha	
1.1- O Colonialismo alemão	
1.1-1. Antes da Primeira Guerra Mundial: Origem e duração	7
1.1-2. Após a Primeira Guerra Mundial: <i>Kolonialismus ohne Kolonien</i> ...	12
1.2- Os media	19
Capítulo 2- O colonialismo na publicidade do período entre as guerras	25
Capítulo 3- As influências do colonialismo no cinema do período entre as guerras	41
3.1- <i>Allein im Urwald</i>	44
3.2- <i>Eine Weiße unter Kannibalen</i>	49
Capítulo 4- O colonialismo na arte alemã	54
4.1- Emil Nolde	56
4.2- Ernst Neuschul	63
4.3- Exposições de <i>entartete Kunst</i> e <i>entartete Musik</i>	67
Conclusão	73
Bibliografia	75
Fontes digitais	80

Lista de figuras

Figura 1- Anúncio ao pacote de bolachas Kiaotschau	27
Figura 2- Cupão publicitário	29
Figura 3- Cupão que faz publicidade á antiga colónia de Kiaotschou	31
Figura 4- Cupão que faz publicidade à antiga colónia do Togo	31
Figura 5- Capa do jornal <i>Berliner Illustrierte Zeitung</i>	32
Figura 6- Ilustrações de Nina Brodsky na revista <i>Gebrauchsgraphik</i>	35
Figura 7- Ilustração de Richard Schwarzkopf na revista <i>Gebrauchsgraphik</i>	36
Figura 8- Imagem alusiva às ex-colónias alemãs	37
Figura 9- <i>Auch hier liegt user Lebensraum</i>	39
Figura 10- Cartaz de publicidade ao filme <i>Eine Weiße unter Kannibalen</i>	50
Figuras 11- <i>Bildnis einer Südseeinsulanerin</i>	58
Figura 12- <i>Südsee-Insulaner II</i>	58
Figura 13- <i>Die Grablegung</i>	59
Figura 14- <i>So ihr nicht werdet wie die Kinder</i>	60
Figura 15- <i>Martyrium II</i>	61
Figura 16- <i>Negermutter</i>	64
Figura 17- <i>Joseph und Potiphars Frau</i>	67
Figura 18- Sem dados	69
Figura 19- Cartaz alusivo à exposição de <i>entartete Musik</i>	70

Introdução

Enquanto vários países europeus se encontravam na corrida colonial desde o século XV, a Alemanha só se juntou a esta durante o período do reinado do Imperador Guilherme II, que subiu ao trono em 1888 e abdicou em 1918. Guilherme II adotou a *Weltpolitik*, cujo principal objetivo era aumentar a importância da Alemanha no cenário internacional. Os meios de comunicação tornaram-se numa forma rápida e eficaz de transmitir informações e ideias relacionadas com o colonialismo, e, por isso, tornaram-se numa técnica de exaltação ao mesmo.

Durante esta época, os media alemães pretendiam glorificar o colonialismo e os colonizadores, estabelecendo dicotomias entre estes e os povos nativos. Os povos africanos eram descritos em oposição ao povo alemão, visto que eram considerados semicivilizados (ou com uma total falta de civilização), violentos, rudes e preguiçosos, enquanto os alemães eram civilizados, educados, dignos e trabalhadores. A propaganda espalha a mensagem que a missão do colonizador era educar e levar a sua cultura aos povos colonizados através de um processo altruísta. “(...) encouraging the ‘Negro’ to work and bringing him to cultural enlightenment stood at the centre of expansionist propaganda” (Schubert: 2011, p. 408). No entanto, apesar destas serem as alegadas intenções do colonialismo alemão, a realidade é que este não pretendia, de facto, educar os indígenas, mas sim forçá-los a trabalhar e aproveitar as suas terras para extrair matérias-primas e riquezas. A propaganda que realçava o alegado altruísmo da missão colonizadora era uma forma de mascarar a ambição, o desejo de competir com outros países europeus, a procura de glória, de aventura e de uma forma de alimentar o ego nacional.

As dicotomias acima mencionadas são importantes, pois a construção do imperialismo europeu moderno envolveu um processo através do qual o império se definiu em contraste àqueles que coloniza, exclui e marginaliza. (Ashcroft, Griffiths e Tiffin: 2000, p. 158). Assim, o colonialismo e o imperialismo são formas de construir uma identidade nacional em que o país colonizador se define através do oposto do país colonizado. É ao demarcar a identidade do “Outro” que o colonizador consegue criar a sua própria identidade e considerar-se superior. É assim que o país colonizador consegue estabelecer a sua hegemonia (Said: 1978, p. 122), o que assinala a importância das relações e dicotomias de poder.

“The existence of others is crucial in defining what is ‘normal’ and in locating one’s own place in the world.” (Ashcroft, Griffiths e Tiffin: 2000, p. 154). Assim, o conceito do “Outro” apresentava uma dualidade relevante: Por um lado, o “Outro” era desprezado, mas por

outro lado, era importante para a construção de uma identidade própria, uma identidade cultural e racial, por meio de opostos e diferenças. As identidades culturais e raciais, que formam o conceito do “Eu”, não podem existir sem os conceitos opostos que as acompanham, nomeadamente a alteridade cultural e racial, que constroem o “Outro” (Schubert: 2011, p. 402).

O colonialismo era visto como benéfico para as duas partes intervenientes (colonizador e colonizado). Em 1878, Moldenhauer afirmou que a aquisição de colónias no coração de África seria benéfica quer para a Alemanha, quer para os povos indígenas: „Wir wollen . . . einen Colonialbesitz in Inner-Afrika erringen, welcher Deutschland und damit auch den dortigen Negervölkern dauernd Vortheil gewährt.” (*apud* Schubert: 2011, p. 409).

A cultura e a linguagem visual associadas ao colonialismo tinham uma forte conotação racista, pois recorriam a imagens e a conceitos estereotipados, como, por exemplo, o facto de os colonizadores serem vistos como “salvadores brancos”, que eram descritos como pessoas aventureiras, corajosas e benevolentes, cujo principal objetivo era o de levar aos povos dos territórios colonizados elementos da civilização moderna, os seus próprios costumes e religião, através da ação dos missionários. Isto resultava numa grande desvalorização da cultura e dos costumes dos povos nativos. “They (the missionaries) had a completely Eurocentric worldview, so it seemed appropriate not merely to reject “heathen” cultures but also to legitimize an active battle against them.” (Heyden: 2011, p. 216).

Os nativos eram vistos como selvagens violentos, cujas características físicas eram muitas vezes representadas nos media de forma exagerada e incorreta. A sua necessidade de receber educação e cultura e de suprimir traços e comportamentos negativos tornou-se na principal prioridade dos colonizadores. Assim, os media na Alemanha tiveram um papel importante para a difusão, manutenção e exaltação do colonialismo.

A noção de "romance colonial" (Zantrop, 1997) estava muito presente nas representações feitas pelos media e também na forma como os apoiantes do colonialismo o encaravam. Esta ideia apontava para uma ligação natural, mutuamente benéfica, entre os territórios colonizados, as suas populações, e os colonizadores. Os colonizadores eram associados ao género masculino, enquanto os territórios colonizados e as suas populações eram associados ao género feminino, estando, assim, presentes os conceitos dicotómicos de superioridade/inferioridade e domínio/submissão.

No fim da Primeira Guerra Mundial, em Versalhes, foi defendida a ideia de que a Alemanha não conseguia governar as suas colónias, visto que recorria à violência e à opressão para dominar os povos nativos e, assim, não era capaz de gerir as colónias com a mentalidade humanística que era alegadamente esperada do país colonizador. Assim, era do interesse dos próprios territórios colonizados que a Alemanha já não tivesse domínio sobre os mesmos. A culpa da primeira guerra mundial foi atribuída somente à Alemanha e o tratado é baseado nesta ideia, o que gerou uma crescente indignação na Alemanha, em que era defendida a ideia de *Kriegsschuldlüge*.¹

Com a assinatura do tratado de Versalhes, a Alemanha perdeu o domínio sobre os seus territórios coloniais. No entanto, continuava a haver uma mentalidade colonizadora e iniciou-se um período de “*Kolonialismus ohne Kolonien*” (“Colonialismo sem colónias”)². Marcia Klotz, defendeu que a Alemanha, durante o período entre as guerras, ocupou um lugar peculiar na Europa como “um estado pós-colonial num mundo ainda colonial” (*apud* Price e Smith: 2019, p. 639).

De forma a moldar e a preservar esta mentalidade, a publicidade e os media continuavam a espalhar ideias relacionadas com as antigas colónias, para que o colonialismo não se ausentasse da mentalidade das pessoas. De acordo com Rogowski (2010), havia uma grande contradição presente na Alemanha, porque, por um lado, havia uma suposta falta de entusiasmo pela causa colonial alemã (e até recriminação da mesma), mas ao mesmo tempo, havia um “apelo emocional generalizado” por imagética colonial na República de Weimar. (p. 221) Esta dicotomia será abordada na secção 1.1 da investigação.

O período entre as guerras foi relevante, porque foi um tempo de paz que sucedeu a Primeira Guerra Mundial e antecedeu a ascensão de Hitler ao poder. Foi também um período que continuou a produzir lições históricas, económicas e culturais significativas sobre o lugar da Alemanha na matriz da política contemporânea à escala global (Price e Smith: 2019, p. 629).

¹ Tradução literal: “mentira de culpa da guerra”. Apontava para a falsidade da ideia de que a Alemanha era a única culpada.

² Termo utilizado por Wolfe Schmokel.

Apesar da Alemanha já não ter um Império colonial, alguns locais, como Berlim e Hamburgo, organizam eventos para celebrar o antigo império. Este hábito era partilhado com países que ainda eram detentores de colónias, como a Inglaterra, a Itália e a França. Assim, era selecionado um dia para celebrar o império, o que mostra que a Alemanha ainda estava apegada à ideia das colónias e também que estava em sintonia com os outros países europeus, apoiando o projeto imperial e colonial. Para este efeito, serão explorados anúncios que publicitam os eventos, realçando o papel fundamental da publicidade na divulgação de ideias e também na manutenção da mentalidade colonizadora.

Fotografias, filmes, caricaturas, anúncios, cartazes, postais e objetos de exposições em museus etnográficos desempenharam um papel significativo na sustentação de um imaginário colonial desde os anos do pós-guerra.

Fotografias de paisagens e de animais avistados em expedições marítimas e em safaris fomentaram a nostalgia sentida em relação aos territórios coloniais, bem como um sentimento de descoberta, e o expansionismo, apesar da recente perda das colónias.

Nos filmes produzidos nas fases iniciais da República de Weimar, estava muitas vezes presente uma dimensão colonial que era implícita e frequentemente inconsciente. Nos filmes, estavam contidos temas como o exotismo, clichés raciais e dicotomias de poder. Mesmo quando o tema principal do filme não era o colonialismo, as personagens negras eram retratadas de forma racista. Em filmes como *Allein im Urwald/Die Rache der Afrikanerin* (produzido por Ernst Wendt em 1922), são visíveis as várias formas de representar africanos: ou como pessoas perigosas, hipersexualizadas, vingativas e agressivas, ou como fiéis criados, que se submetem de bom grado às ordens dos europeus, que eram considerados os seus superiores. O mesmo acontece no filme de Schomburgk com o título *Eine Weiße unter Kannibalen* (1921), em que uma personagem de uma tribo africana é sinistra, perigosa e um predador sexual.

Estes filmes contribuíam para a construção de um imaginário colonial, pois estavam presentes o exotismo, ao serem mostrados locais em África, as dicotomias de poder e a ideia de superioridade racial. As representações, que continham estereótipos e contribuíam para denegrir a imagem dos nativos e também a sua cultura, estavam presentes quer no enredo dos filmes, quer, por exemplo, na publicidade aos mesmos.

Os filmes, ao exaltarem a superioridade dos povos brancos, acabavam por não retratar problemas reais do colonialismo, eliminando completamente a perspectiva daqueles que tinham sido subjugados. As verdadeiras preocupações eram criar um cenário idílico aos olhos do espectador e satisfazer fantasias coloniais antigas, e, por isso, não eram abordadas questões relacionadas com a questão colonial alemã: “(...) with their dreamlike narratives and fairy tale locales, these exoticist films address general erotic fantasies and anxieties rather than the question of German colonial rule.” (Rogowski: 2010, p. 226)

Durante o primeiro pós-guerra, vários artistas ainda integravam África nas suas obras, revelando um gosto pelo exotismo. Na arte em que havia a representação de pessoas que não eram de origem europeia (sobretudo pessoas que não eram caucasianas), havia duas ramificações no significado: A primeira era a representação que era feita por motivos de interesse pelo que era exótico, de interesse pelo “Outro”, e a segunda era a tomada de uma posição sociopolítica, que podia ser contra as atrocidades do colonialismo ou contra o racismo que ainda predominava na sociedade alemã.

A pintura tornou-se noutro meio através do qual a nostalgia colonial e o interesse pelo outro estavam representados. De forma a desenvolver este tópico, artistas como Emil Nolde e Ernst Neuschul serão abordados, mostrando como as suas obras contribuíram para a criação de uma imagética exótica e também associada ao colonialismo, num país onde o conceito de “*Kolonialismus ohne Kolonien*” era muito visível. De acordo com Katherine Tubb, retratar uma pessoa que não fosse branca durante a República de Weimar, era também tomar uma posição sociopolítica sobre a modernidade global, sobre o que significava a Germanidade, e sobre as tensões entre estas duas noções. (*apud* Price e Smith: 2019, p. 639). No caso de Emil Nolde, serão mencionadas obras quer do período colonial, quer do período pós-colonial, para demonstrar que os temas relacionados com o colonialismo estiveram presentes nas obras do artista durante as duas épocas.

O mesmo aconteceu durante o período do nacional-socialismo em que, por exemplo, a representação de indivíduos que não fossem brancos correspondia à tomada de uma clara posição política de oposição ao regime nazi. Para explorar esta realidade, serão mencionadas as exposições de *entartete Kunst* e *entartete Musik*. Na primeira, serão analisadas obras nela incluídas, enquanto na segunda será analisado um cartaz propagandístico.

Desta forma, é possível verificar que os meios de comunicação na Alemanha ainda difundiam os ideais do colonialismo, de forma direta ou indireta, o que também era visível na arte. Assim, o imaginário dos alemães continuava a ser construído e as fantasias coloniais a ser alimentadas pelos media que, tal como Luhmann (1995) defendeu, são a principal fonte de conhecimento e de informação e o filtro através do qual as pessoas veem e percebem a realidade.

O tema da representação do colonialismo alemão nos media e na arte durante o período entre as guerras não apresenta muita informação disponível, visto que, para muitos, é considerado pouco relevante para ser estudado, sendo frequentemente substituído por temas como o nacional-socialismo. Apesar de não haver muita informação disponível, isso não foi encarado como um obstáculo, mas sim como uma razão para basear a dissertação no mesmo, de forma a explorar um tema que pode ser considerado original. Esta dissertação explorará sobretudo as antigas colónias alemãs em África, devido à maior quantidade de dados disponíveis sobre as mesmas.

Esta dissertação tem o objetivo de analisar as representações coloniais nos media num período em que a Alemanha não tinha colónias, e está dividida em quatro partes: A primeira parte aborda o colonialismo e os media na Alemanha, de forma que seja proporcionado um contexto para o tema principal. A segunda parte explora a publicidade alemã no período entre as guerras, abordando conceitos, contextos históricos e algumas imagens da época. A terceira parte é sobre o cinema alemão da época em questão, onde vão ser analisados filmes, conceitos e dicotomias relacionados com o colonialismo que estão presentes, de forma involuntária ou não, no enredo principal, ou estão incorporados nas personagens dos filmes. A quarta parte é sobre a arte, a forma como esta representava o chamado “Outro”, e como esta era vista quer no período da República de Weimar, quer nos primeiros anos do nacional-socialismo, correspondentes ao fim do período histórico que é analisado nesta dissertação.

1- O Colonialismo e os media na Alemanha

1.1- O Colonialismo alemão

1.1.1- Antes da Primeira Guerra Mundial: Origem e duração.

A chegada da Alemanha à corrida colonial foi tardia em relação aos outros países europeus. O Imperador Guilherme II foi o impulsionador do colonialismo através da *Weltpolitik*, que tinha como principal objetivo aumentar a importância da Alemanha no cenário internacional. No entanto, havia uma divergência nas políticas defendidas por Guilherme II e pelo chanceler Otto von Bismarck.

Bismarck defendia a chamada *Realpolitik*, que pretendia elevar a Alemanha ao estatuto de potência europeia. Apesar das opiniões divergirem, o que será posteriormente mencionado, não havia interesse no colonialismo, e um dos objetivos era evitar a guerra para que a Alemanha pudesse prosperar e desenvolver-se a nível europeu.

Já Guilherme II defendia a *Weltpolitik*, que, por outro lado, pretendia que a Alemanha fosse uma potência mundial, adotando uma política expansionista e militar. Havia uma apologia à guerra quando a Alemanha estivesse pronta para a mesma, o que está presente numa carta escrita pelo Imperador. "(...) Porque sozinhos não estamos em situação de fazer guerra, (...) [que] a decisão da guerra nos seja agora poupada, (...) e depois guerra no exterior!" (Scheidt et al: 1988, p. 225).

Segundo Cláudia Ninhos, existe algum desacordo entre os historiadores alemães em relação à posição de Bismarck, perante o colonialismo:

"Alguns autores defendem que Bismarck sempre se opôs a que a Alemanha se lançasse na aventura colonialista, sendo pressionado a tal pela opinião pública. Outros acreditam que tal aspiração foi sempre alimentada pelo chanceler." (2009, p. 48).

No entanto, é importante realçar o facto de que foi apenas em 1871, quando Bismarck se tornou chanceler, que a Alemanha foi unificada. Isto significa que havia problemas internos para resolver e leis para formular, visto que as antigas leis eram obsoletas, pois eram feitas para os diferentes territórios e não para um Estado-Nação. Um dos objetivos de Bismarck era também gerar progresso na indústria, que era pouco desenvolvida em relação à de Inglaterra e à de França, para que a Alemanha se pudesse tornar numa potência económica.

Bismarck estava ciente que iniciar uma política expansionista poderia trazer conflitos com os outros países europeus e sem paz a Alemanha não conseguiria transformar-se numa potência económica a nível continental, que era um dos objetivos da *Realpolitik*. Desta forma, defendendo a teoria de que a ideia de Bismarck não era adotar uma política colonial e expansionista, mas sim focar-se no desenvolvimento interno da Alemanha, para seguidamente elevá-la ao nível de uma potência europeia.

“Bismarck, como “continentalista” que era, estava mais interessado nas questões da Europa Central, mas também estava sob forte pressão dos grupos industriais e comerciais alemães.”³

Segundo Standmann (2011), Bismarck apoiava uma política de “informal rule and chartered companies”, não detendo posse e responsabilidades completas sobre um território, mas usando o mesmo para beneficiar a economia alemã (p. 202). Assim, o conceito de não deter todas as responsabilidades referentes a um território vai de encontro às noções básicas do colonialismo. Para Bismarck, desenvolver os negócios era um dos objetivos principais da época e, desta forma, as ideias que a Alemanha tinha sobre o colonialismo e o objetivo do mesmo afastavam-se das causas humanistas e civilizadoras que seriam, durante o período em que a Alemanha tinha colónias, apontadas como os objetivos e razões principais do colonialismo alemão.

Começaram a surgir discursos que apoiavam a visão de Bismarck, direcionada aos negócios: Carl Peters, um pioneiro das primeiras fases do colonialismo, afirmou que “colonial foundations are in essence a business [*Geschäft*] for the states” (*apud* Strandmann: 2011, p. 202). A mesma ideia foi defendida por Leutwein:

³ Citação retirada do portal diplomático do governo português.

“The main purpose of all colonization is, if one leaves all made-up idealism and humanitarianism aside, a business. The colonization race does not want to bring happiness to the indigenous population but looks after its own advantage and profit. So therefore there is only one guideline for colonization and that is the pursuit of profitable business.” (*apud* Strandmann: 2011, p. 202)

Assim, é possível confirmar que o conceito do colonialismo estava, inicialmente, assente no desejo de desenvolver a economia e os negócios, não em causas humanísticas e civilizadoras.

Foi em 1884, quando a Alemanha já estava organizada após a reunificação e o ramo da indústria tinha evoluído, que nasceu oficialmente o Império colonial alemão. O significado do colonialismo alemão afastou-se progressivamente da ideia inicial, pois passou também a ser associado a prosperidade e poder, não só internamente, mas também externamente, a nível mundial.

A compra de bens provenientes das colónias, os chamados *Kolonialwaren*, como chocolate, café e chá, e o seu consumo, eram um sinal de bem-estar económico, pois ter a capacidade de adquiri-los remetia a uma vida económica estável e favorável que permitia a obtenção produtos exóticos. “Colonial commodities projected the allure of strange novelties and historical luxuries like African ivory, spices, and ebony. They also promised physical pleasure: the mild stimulation induced by the consumption of the colonial semiluxuries like coffee, cocoa, tobacco, and tea.” (Short: 2012, p. 37). Por isso, o colonialismo permitia a demonstração de poder económico através da compra de *Kolonialwaren*, que estavam associados ao mistério que envolvia as colónias, e eram encarados como produtos semi-luxuosos, que eram também vistos como uma fonte de prazer. Desta forma, os produtos satisfaziam alguma curiosidade em relação aos territórios e contribuía para a existência e manutenção das fantasias coloniais.

O colonialismo era uma forma de autoafirmação, e da Alemanha ser vista como um adversário que os outros países temeriam, visto que o seu poder iria aumentar juntamente com o território. (Kudrus: 2011, p. 34). Era também uma forma de um país construir autoconfiança através da obtenção de poder e é um processo que influencia a sua identidade, visto que o país passaria a ser visto como um país colonizador e seria automaticamente associado a dicotomias de poder. A autoafirmação e a autoconfiança contribuem também para a construção da

identidade. Com o passar dos anos e com a Alemanha na corrida colonial, o colonialismo tornou-se num tema relevante na sociedade alemã, permitindo debates e sendo incluído na propaganda: “From 1879 onwards colonialism was one of the most frequently discussed subjects among the politically aware, with arguments in favour of the acquisition of colonies becoming part of nationalist propaganda.” (Schubert: 2011, p. 405)

O colonialismo circulava na sociedade enquanto tema relacionado com o conhecimento e com poder económico. O colonialismo gerava “commodity propaganda designed to initiate the masses into the concept of globally sourced production and markets” (Short: 2012, p. 14). O colonialismo era, assim, uma forma de propaganda ao conceito de produção e de mercados globais, o que afastaria a Alemanha do conceito de *local*, unindo-a a outros países.

O colonialismo era alegadamente benéfico quer para os colonizadores, que obteriam lucros como um acréscimo à sua missão cultural, civilizadora e cultural, quer para os colonizados, pois acreditava-se que os povos indígenas iriam beneficiar de um processo civilizador que iria melhorar as suas vidas. Bernhard Denburg, chefe do Gabinete Colonial Imperial, declarou durante as eleições de 1906-1907 que o colonialismo consistia em aproveitar a flora, a fauna, os tesouros e, acima de tudo, as pessoas que, através de mão de obra, seriam úteis para a economia do país colonizador. O país colonizador será obrigado, em retorno, a partilhar a sua cultura e conceitos morais superiores (*apud* Schubert: 2011, p. 412). Desta forma, existia a ideia de uma relação mutuamente benéfica em que o colonizador lucrava com os recursos providenciados pelo território colonizado, enquanto os colonizados eram beneficiados pela influência europeia, os seus costumes, morais e cultura superiores.

No entanto, o colonialismo não era de facto uma prática altruísta por parte do país colonizador. “Concern for the populations in these territories was rarely expressed, and the racist belief in the White man’s superiority was widely accepted.” (Strandmann: 2011, p. 196). A preocupação que era alegadamente demonstrada em relação aos povos nativos era apenas uma forma de mascarar as verdadeiras intenções dos colonizadores, que consistiam, primariamente, em explorar os territórios e submeter povos que eram considerados inferiores.

O colonialismo era também uma forma de alimentar o interesse que certos indivíduos tinham em relação ao exótico e ao estrangeiro. A posse de territórios noutros continentes atraía a atenção dos alemães, despertando a sua curiosidade em relação ao desconhecido e ao exótico.

Em Short (2012), estão presentes excertos de cartas escritas por cidadãos alemães à *Deutsche Kolonialgesellschaft*⁴ ou ao Ministério dos Negócios Estrangeiros (*Auswärtiges Amt*) entre 1898 e 1907, onde estes expressam o seu interesse por África e os motivos que o justificam. Providenciarei três exemplos: Lucie Böttcher, uma jovem berlinense de vinte seis anos declara “I do not (...) intend to settle in Africa out of romantic overexcitement—as, perhaps, many other young women do—rather for me it is a serious thing.” (p. 57), enquanto Emil Zeiller, um maquinista em Mönchengladbach, afirma “My trade is fitter (cylinder engraver) but could also work as mechanic or for the railroad. But best of all I’d like to devote my work to the Fatherland.” (p. 57). Por fim, Ida Hofter de Breslau, de vinte e dois anos, revela ser portadora de um sentimento que a faz sentir atraída por terras distantes (p. 57). Ao analisar estes testemunhos, é possível ver a forma como África cativava os alemães, providenciando-lhes uma forma de servir o seu país e de começar uma vida nova noutro lugar. “These ordinary Germans, men and women from the laboring classes, from the lower middle classes, from all parts of the country, look to the colonies with interest and enthusiasm, sometimes patriotism, often with a kind of longing.” (Short: 2012, p. 57)

Havia claramente uma forte romantização de África, visto que havia a expectativa de recomeçar, de trabalhar para ser útil à pátria, e de saciar o interesse e a curiosidade em relação a terras distantes. Esta romantização alimentava as fantasias coloniais.

⁴ Organização fundada em 1887 para promover o colonialismo.

1.1.2- Após a Primeira Guerra Mundial: *Kolonialismus ohne Kolonien*

Com o fim da Primeira Guerra Mundial, a Alemanha foi responsabilizada pelo conflito e privada das suas colónias, pois em Versalhes prevaleceu o argumento que a Alemanha se tinha mostrado inapta para governá-las⁵ e que era necessário, pensando também no interesse das populações indígenas, privar a Alemanha dos seus territórios coloniais. De acordo com Rogowski (2010), as autoridades britânicas e sul-africanas tinham reunido provas exaustivas sobre as atrocidades cometidas pelos alemães no Sudoeste africano, que serviram para desacreditar a legitimidade da missão colonial da Alemanha. (p. 221)

Através do Tratado de Versalhes, a Alemanha perdeu territórios como Herero no sudoeste africano, Kiautschou, localizada no norte da China, e Hutus na África oriental.

No entanto, apesar da perda das colónias, a mentalidade colonial continuava a estar presente na sociedade alemã, havendo a esperança em recuperá-las no futuro e de pôr fim à injustiça da qual a Alemanha tinha sido alvo, visto que foi responsabilizada pela guerra. Para além disso, o colonialismo tinha deixado marcas na sociedade, dado que afetava diversas esferas: o cinema, a literatura, a publicidade, leis e até pequenos negócios, como as chamadas *Kolonialwarenläden*, que eram lojas que vendiam produtos coloniais. Desta forma, apesar da Alemanha já não ter colónias, o colonialismo estava enraizado na sociedade, sendo que remover este tema do quotidiano não seria um processo imediato.

Um evento que comprova que, mesmo após o fim da Primeira Guerra Mundial, o colonialismo ainda tinha importância foi a receção ao General Paul von Lettow-Vorbeck em Berlim.

“On March 2, 1919, General Paul von Lettow-Vorbeck (1870–1964), the man who had held out against the British, the Belgians, and the Portuguese in East Africa right until the end of the war, was given a triumphant reception when he returned to Berlin with part of his troops and former East African governor marching in a parade through the Brandenburg Gate.” (Rogowski: 2010, p. 220)

⁵ Por exemplo, a Alemanha gastou muito dinheiro, excedendo o orçamento colonial, nos custos da guerra colonial no Sudoeste e no Leste de África.

Lettow-Vorbeck, comandante da campanha da África Oriental Alemã, foi uma figura relevante no colonialismo alemão devido à forma como protegeu o território de invasões britânicas. Foi também o único líder militar que não foi derrotado durante a guerra (Rogowski: 2010, p. 220). O facto da sua chegada ter sido celebrada e do comandante ser visto como uma figura heroica, mostra a forma como o colonialismo era relevante para algumas pessoas, assim como os indivíduos que estavam a ele associados, mesmo após a perda das colónias e uma clara e total perda de relevância e poder da Alemanha na esfera do domínio colonial.

Enquanto o colonialismo continuava a ter apoiantes, que defendiam que a Alemanha não devia ter perdido as colónias, havia vários grupos e instituições que criticavam o colonialismo.

Em janeiro de 1918, o presidente dos Estados Unidos da América, Woodrow Wilson, tinha estabelecido o direito à autodeterminação dos povos como um pré-requisito para uma paz duradoura a nível mundial, questionando assim o direito à colonização de territórios. Desta forma, várias instituições tinham sido inspiradas e influenciadas por este discurso, pois, sem a independência e autodeterminação dos países, a tão desejada paz mundial, que era um dos principais objetivos após a Primeira Guerra Mundial, não seria alcançada.

A *Deutsche Friedenskartell (DFK)* foi criada em 1921 e, até à sua desintegração em 1929, funcionou como uma organização-cúpula de instituições democráticas, burguesas e pacifistas (Heyn: 2009, p. 43).

Uma das instituições associadas à *DFK* era a *Liga gegen koloniale Unterdrückung (LgkU)*, que era comunista e também a única organização que se dedicava principalmente à luta contra o imperialismo colonial. (Heyn: 2009, p. 44). As outras instituições da *DFK* dedicavam-se a causas relacionadas com a paz mundial, mas nenhuma tinha o colonialismo como objetivo principal. A *LgkU* agia quer a nível nacional, ao organizar protestos contra o colonialismo, quer a nível internacional através da organização de congressos. As suas funções eram intelectuais, visto que a instituição abordava o colonialismo através de uma perspetiva teórica, e também eram práticas, visto que prestavam apoio às colónias ainda existentes e organizavam eventos para sensibilizar os seus participantes para o colonialismo e os seus perigos.

„Ihr Ziel war, über Ursache und Wirkung der Kolonialpolitik aufzuklären, Protestaktionen durchzuführen, internationale Kongresse zu veranstalten, sich mit den kolonisierten Gesellschaften solidarisch zu erklären, praktische Hilfe zu leisten und sich schließlich mit ihnen im Kampf gegen den Imperialismus zu vereinen.“ (Heyn: 2009, p. 44.)

Por outro lado, havia também instituições a favor do colonialismo, como a *Koloniale Reichsarbeitsgemeinschaft*, que foi criada em 1922. A maioria dos membros desta associação eram pessoas que beneficiavam do colonialismo, como comerciantes, militares ou membros do governo. No entanto, esta associação não teve a relevância que era inicialmente esperada.

A existência de organizações e instituições como a *DFK*, a *LgkU* e a *Koloniale Reichsarbeitsgemeinschaft*, mostra que, mesmo após o fim do colonialismo alemão, com a perda das colónias em 1918, o colonialismo continuava a ser um tema importante na sociedade. O colonialismo podia ser interpretado como uma forma de opressão, tal como era feito pela *DFK* e pela *LgkU*, ou como uma prática positiva e benéfica para a Alemanha, de acordo com a perspetiva da *Koloniale Reichsarbeitsgemeinschaft*. Sendo a perspetiva positiva ou negativa, estas instituições mantinham o tema do colonialismo vivo na sociedade, ao fazerem com que este fosse debatido, criticado ou aclamado.

Segundo a informação fornecida por Rogowski (2010), houve, em março de 1919, a criação de uma petição que teve mais de 3.7 milhões de assinaturas em que pessoas que eram a favor do colonialismo protestaram a perda das colónias (p. 220), o que constitui outra evidência de que o colonialismo ainda era um tema abordado na sociedade.

Apesar da expansão por via marítima, para outros continentes, ser o tema principal quando se fala no colonialismo alemão, é importante realçar o facto de que o mesmo ambicionou também adquirir territórios europeus, nomeadamente na Europa Central e na Europa de Leste, e não apenas territórios situados noutros continentes. De acordo com Kundrus (2011), a expansão intracontinental foi uma das características do “dilema imperial alemão” dos séculos XIX e XX, juntamente com o facto que os debates sobre o tema do colonialismo, assentavam, após a Primeira Guerra Mundial e a perda das colónias, em algo que a Alemanha não tinha (p. 29), havendo, assim, uma forte conexão com o tema da fantasia.

Tal como foi mencionado anteriormente, o colonialismo influenciou o futuro da sociedade alemã. Existem debates que assentam na possível ligação entre a época do colonialismo alemão com o nacional-socialismo. De acordo com Kudrus, ainda existe alguma hesitação em formular uma conexão entre ambos, no entanto, é possível encontrar semelhanças que conectam estes dois eventos históricos na Alemanha.

A primeira característica que os dois partilhavam era a forma como a violência era utilizada como uma das técnicas recorrentes de submissão. Um dos eventos mais marcantes da história colonial alemã foi o massacre e genocídio aos povos Herero e Nama que habitavam no sudoeste de África (atual Namíbia), quando estes se revoltaram contra o domínio alemão. De acordo com a lei colonial alemã, qualquer tipo de resistência ao domínio alemão seria punido com pena de morte. Esta lei não foi somente aplicada aos líderes dos povos em questão, mas também afetou as mulheres e as crianças, ou seja, pessoas que não estavam diretamente envolvidas no conflito, o que resultou no extermínio de dois povos nativos desta região africana (Strandmann: 2011, p. 207). A revolta destes povos obteve uma resposta violenta por parte da Alemanha e o conflito durou entre 1904 e 1908. As autoridades alemãs criaram campos de trabalho e da população de 80.000 Herero, 80 por cento foram mortos. Em 20.000 Nama, mais de metade foram mortos.

Estes atos de violência foram justificados ao apelidar os povos de selvagens e violentos⁶. Ao descrevê-los como pessoas sanguinárias e agressivas, os colonizadores conseguiam, assim, justificar a necessidade de recorrer à violência para pôr termo ao conflito.

As descrições dos povos nativos contribuem para a desumanização dos mesmos. “Concern for the populations in these territories (the colonies) was rarely expressed, and the racist belief in White man’s superiority was widely accepted” (Strandmann: 2011, p. 196). Esta era uma técnica utilizada para enaltecer o colonialismo e para denegrir a imagem dos povos colonizados.

O nacional-socialismo recorria também à violência e à opressão, sendo que o Holocausto e os campos de concentração eram uma clara evidência disto, assim como a existência da Gestapo, polícia secreta alemã que foi uma ferramenta essencial para identificar e prender opositores políticos. Tal como acontecia durante o período do colonialismo com os povos indígenas, a figura do Judeu era desumanizada de forma a justificar as ações do governo

⁶ Zeller (2010) utilizou a expressão “*black beasts*” (p. 75)

e era um meio para propagar o ódio e o medo dentro da sociedade.⁷ Esta violência culminou na morte de milhões de pessoas em campos de concentração e deu origem a um dos maiores genocídios da história.

A segunda característica é a hegemonia racial. No colonialismo, o colonizador era visto como um indivíduo superior, que tinha a nobre missão de levar a sua cultura e religião aos colonizados, que eram vistos como pessoas cultural e mentalmente inferiores. O economista Wilhelm Hübbe-Schleiden defendeu que ninguém no seu perfeito juízo („kein vernünftiger Mensch”) poderia contestar o facto de o etíope estar abaixo do caucasiano na escala cultural („dass der Ethiopier tiefer steht in der Cultur als der Kaukasier”). (apud Schubert: 2011, p. 406). Surgiram também dicotomias que apontavam para a hegemonia do colonizador e a inferioridade e submissão do povo colonizado. Estas dicotomias, como eu/outro, branco/negro e colonizador/colonizado serão exploradas ao longo do trabalho.

No nacional-socialismo, a hegemonia racial estava também bastante presente na doutrina, visto que a raça ariana era vista como a raça superior, enquanto vários grupos, sobretudo os judeus, eram perseguidos e eliminados, pois não se enquadravam na utopia racial imaginada pelo nacional-socialismo. Havia um apelo à eugenia, apelo este que era visto como a solução para melhorar a “qualidade do povo alemão” (Baranowski: 2011, p. 51).

A terceira característica é o desejo de expansão. Durante a época do colonialismo alemão, um dos objetivos da Alemanha era a expansão para outros territórios, uma ideia que era bastante incentivada por motivos de ambição, reputação e orgulho, visto que outros países como a França e a Inglaterra já se encontravam na corrida colonial, e também por razões económicas, visto que as colónias forneciam bens e matéria-prima ao país colonizador, o que promovia não só a autossuficiência do mesmo, mas também o comércio com outros países.

O mesmo desejo de expansão territorial repercutiu-se durante o nacional-socialismo, onde havia o desejo de criação de um *Lebensraum*. Este "espaço vital" permitiria não só que a Alemanha expandisse o seu território (sobretudo) na Europa⁸, podendo, assim, satisfazer o desejo colonial antigo, mas também que esta conseguisse criar um território que fosse habitado por pessoas consideradas geneticamente puras, pois aqueles que eram vistos como inferiores e

⁷ A publicidade e os media eram ferramentas bastante utilizadas na divulgação destas ideias.

⁸ No capítulo 2, será analisado um cartaz da época do nacional-socialismo que mostra que certas regiões africanas estavam também incluídas do plano de criação do espaço vital.

prejudiciais ao triunfo da raça ariana, nomeadamente os judeus, os ciganos, os homossexuais e as pessoas com deficiências físicas, seriam eliminados.

A distinção entre colonialismo tradicional e o colonialismo moderno presente em Moses (2011) é também um conceito que deve ser incluído na possível ligação entre o colonialismo alemão e o nacional-socialismo:

Segundo Moses (2011), o colonialismo é uma categoria analítica que pode ser aplicada tanto no contexto marítimo, como no terrestre. O colonialismo moderno pode ser definido como “a anexação de um território por parte de pessoas com ligações a um Estado estrangeiro” e a população conquistada é vista como culturalmente inferior e diferente. A anexação é seguida pela apropriação de recursos da colónia e domínio dos povos locais. Por este motivo, é enganador restringir o colonialismo apenas a impérios marítimos (Moses: 2011, pp. 75-76). O objetivo do nacional-socialismo, que era a expansão dentro do continente europeu, era também uma forma de colonialismo, alinhada sobretudo com as definições modernas, que vão para além do conceito de expansão marítima. De acordo com esta definição, o nacional-socialismo e o seu desejo de expansão pela europa enquadram-se no conceito de colonialismo moderno. Assim, é possível especular que o período colonial poderá ter sido influenciador de eventos futuros da história alemã, neste caso, o período do nacional-socialismo. (cf Zimmerer: 2005)

O pensamento colonial foi fundamental para a identidade alemã moderna que era cada vez mais nacionalista, comercial e científica (Jones: 2014, p. iv).

No entanto, não é possível afirmar com certeza de que de facto um evento, o colonialismo, as fantasias que são provenientes do mesmo e também da perda das colónias, influenciou o outro, o nacional-socialismo. O que aconteceu não foi visto, durante o período que sucedeu o colonialismo e antecedeu o nacional-socialismo, como um indício de eventos futuros. “As far as we know, the German atrocities [during the time of colonialism] were not interpreted as a prelude to worse things to come.” (Strandmann: 2011, p. 207). As ações alemãs eram apenas vistas como ações militares que eram motivadas pela missão colonial dos alemães.

De acordo com Strandmann (2011), o judeu alemão Walther Rathenau, escritor, político liberal e ministro dos negócios estrangeiros durante a República de Weimar, demonstrava preocupação em relação ao aumento do antissemitismo, mas não criou nenhum elo de ligação entre “as brutalidades da Alemanha colonial e o aumento do antissemitismo” (p. 207). Por isso, é importante reforçar a ideia de que a ligação estabelecida entre estes dois períodos da história

alemã é relativamente recente e não é apoiada por todos os autores. No entanto, acredito que possa ser estabelecida uma relação de similaridade entre ambos.

Como foi dito anteriormente, os meios de comunicação tornaram-se numa forma rápida e eficaz de transmitir informações e ideias relacionadas com o colonialismo, e, por isso, tornaram-se numa técnica de exaltação ao mesmo.

O objetivo desta dissertação é explorar a forma como os media alemães passaram a representar o colonialismo após o fim do mesmo e como o conceito de um colonialismo fantasma continuava a ser alimentado através da ação dos media. Para tal, a próxima secção procura fornecer um breve resumo sobre os media.

1.2- Os media:

Segundo Luhmann, os media moldam a visão das pessoas sobre tudo o que as rodeia. Tudo aquilo que é conhecido e sabido, seja sobre a sociedade, história, ou sobre a natureza, é sabido através da ação dos media. (1995: p. 5).

As expectativas dos consumidores e daqueles que são responsáveis pela produção dos media também irão influenciar a forma como estes são produzidos. As audiências não são passivas no processo de perceber os media, visto que a forma como os recebem é importante. A receção é influenciada por fatores como a classe etária, o género, a classe social e o nível de escolaridade, podendo, assim, ser suscetível à passagem do tempo e ser bastante díspar dentro de uma comunidade. Os media são, deste modo, influenciados pelas expectativas, perspetivas e pela história de vida do seu público-alvo.

Apesar dos media serem influenciados pelas audiências, são também capazes de influenciá-la. Este conceito encontra-se presente na ideia previamente mencionada, em que Luhmann afirma que os media moldam a visão dos recetores, mas encontra-se também na perspetiva de Jones (2014, p. iv), que refere que foram, em particular, as imagens visuais em massa que construíram uma experiência coletiva e um sentimento de pertença social, que era regulado através de associações reflexivas. Os media têm a capacidade de, através da sua visualidade, criar ou utilizar símbolos que são conhecidos pela comunidade a que se dirigem. Isto causa um sentimento de pertença e compreensão por parte do público-alvo.

Enquanto os territórios colonizados eram forçados a lidar com as consequências do domínio alemão, que perturbava violentamente a vida social, económica, política e cultural destes povos, a sociedade alemã testemunhou uma vasta corrente de imagens visuais. O aumento da quantidade de imagens e a sua rápida circulação deveu-se aos avanços na tecnologia, que levaram a uma cultura de consumo moderna que permitia a produção e a exibição de ilustrações, imagens e eventualmente fotografias numa escala nunca antes vista. A impressão em grande escala levou a um número sem precedentes de imagens em revistas, livros, jornais, cartazes publicitários e selos. Este fenómeno foi considerado uma "explosão da imagem visual" pelo historiador alemão Volker Langbehn. (2010, p. 3)

A proliferação em massa dos media iniciou-se no final do século XIX devido ao desenvolvimento de várias inovações tecnológicas, como técnicas de impressão, que ocorreram não só na Alemanha, mas também noutros países, como o Reino Unido. O cinema juntou-se aos meios de comunicação em massa existentes, nomeadamente os jornais e as revistas, e ao longo do século XX, o número de meios de comunicação aumentou com a proliferação da rádio a partir de 1923 e da televisão a partir de 1954, após uma fase experimental no fim da década de trinta (Führer e Ross: 2006, pp. 4-5).

Os media eram utilizados não só para espalhar mensagens referentes às trivialidades do quotidiano, que podiam estar associadas a produtos ou a negócios, mas eram também utilizados para divulgar ideologias. Os media eram essenciais na difusão e na manutenção de ideias.

Durante a época do colonialismo alemão, a publicidade e o cinema estavam repletos de *motifs* coloniais, que pretendiam divulgar as colónias dentro da comunidade do país colonizador e enaltecer o colonialismo e os colonizadores.

“Media constructions of overseas empire, and indeed fabrications of colonial “experience” at such sites as the panorama, become, like actual colonization, agents of the formation of knowledge—of, indeed, a new representation of the global—as of empire itself.” (Short: 2012, p. 2). Assim, a ação dos media e as representações criadas pelos mesmos eram essenciais para a divulgação do colonialismo, para a divulgação de conhecimento e para a formatação dos pensamentos do público-alvo.

Após o fim do colonialismo na Alemanha, esta tendência dos media foi mantida, o que alimentou os ideais e os desejos daqueles que defendiam que a Alemanha deveria recuperar as colónias perdidas na guerra, e contribuiu para a permanência do tema do colonialismo na sociedade, gerando opiniões diferentes e criando debates relevantes sobre o mesmo, pois havia aqueles que o defendiam e aqueles que o repudiavam, alegando que o colonialismo era uma prática cruel imposta aos povos colonizados.

Quando falamos sobre o colonialismo e as suas representações nos media, é importante ter conceitos como a autonomia cultural e a apropriação em mente.

“Cultural autonomy signifies a right to cultural specificity, a right to one’s origins and histories as told from within the culture and not mediated from without. Appropriation occurs when someone else becomes the expert on your experience and is deemed more knowledgeable about who you are than yourself . . . appropriation is so obviously an agent of colonialism and patriarchy.” (Todd em Layne: 2018, p. 7)

Layne (2018), explica que a apropriação é, para si, a representação de culturas que não sejam a própria, seja em ficção ou não-ficção (p. 5).

Ao haver representações dos povos indígenas nos media, representações que contêm, muitas vezes, dados incorretos e estereótipos, estes eram representados através da visão dos povos brancos, e, por isso, a sua cultura e as suas raízes eram muitas vezes adulteradas. Para além disso, o conhecimento existente sobre as mesmas era maioritariamente formado pelo alegado conhecimento dos povos colonizadores. Isto significa que os media contribuem para a apropriação e também para o fim da autonomia cultural, visto que invalidam a perspetiva do colonizado e valorizam a do colonizador.

De acordo com a visão de Luhmann (1995), o termo *mass media* deverá englobar todas as instituições que utilizem meios técnicos de difundir a informação (p. 6). Desta forma, esta dissertação seguirá este ponto de vista, de forma a proporcionar uma perspetiva mais abrangente da divulgação do colonialismo no período entre as guerras.

Existem evidências, transmitidas através da arte, da publicidade, de jornais e revistas, que o movimento colonial alemão não tinha terminado aquando do fim da Primeira Guerra Mundial e a consequente perda das colónias. Aliás, este continuou a ser propagado através da ação dos media, que pretendia “contar aos alemães mais sobre as suas antigas colónias, mais do que aquilo que sabiam quando estas eram território alemão” (Townsend: 1928, p. 65). A divulgação de ideias coloniais na Alemanha é fruto do trabalho de várias organizações que se dedicam a causas relacionadas com o colonialismo, tal como a *Deutsche Kolonialgesellschaft*, *Reichsverband der Kolonialdeutschen und Kolonialinteressen* e *Frauenbund der Deutschen Kolonialgesellschaft*. De acordo com Townsend (1928), estas organizações eram bastante ativas, ao apresentar campanhas coloniais, ao organizar reuniões, palestras e filmes, e ao

disseminar as ideias coloniais dentro dos seus círculos de influência. A *Koloniale Woche*, evento onde ocorriam palestras e exposições, acontecia todos os anos em Hamburgo ou Berlim. Desta forma, estas organizações recorriam aos media para divulgar não só as suas ideias, como também os seus eventos. Assim, a divulgação dos mesmos era abrangente e podia divergir tanto na forma como era realizada, como no seu público-alvo.

As razões que levaram a esta continuidade do pensamento colonial podem basear-se em três pontos: numa questão de orgulho, no desejo de inclusão e/ou em motivos económicos.

O primeiro ponto está associado ao facto da Alemanha ter perdido os seus territórios e de ter sido humilhada ao ser culpada pela Primeira Guerra Mundial. A difusão do pensamento colonial era, assim, uma forma de preencher lacunas, de alimentar fantasias coloniais antigas e de trazer esperança na recuperação do orgulho que tinha sido perdido.

O segundo deve-se ao facto da Alemanha, ao contrário de países como o Reino Unido ou a França, já não ter colónias e estar, por esse motivo, fora da chamada “corrida colonial” e já não ter esse fator em comum com os países que ainda tinham colónias, sentido, assim, o desejo de ser incluída.

A última razão é baseada em motivos económicos, visto que as colónias forneciam bens alimentares à Alemanha, que não era capaz de produzir a quantidade de alimentos necessários em solo alemão. De acordo com os dados fornecidos por Townsend (1928), a Alemanha tinha 60 milhões de habitantes em 1914, mas conseguiu apenas produzir o suficiente para 40 milhões (p. 68), por isso, a posse de colónias era importante para a subsistência dos alemães e para obter as matérias-primas necessárias: As matérias-primas provenientes das colónias eram importantes para Alemanha, não só a nível interno (“Germany needed African rubber for its electrical, bicycle, and automobile industries and palm oil for soap manufacture.” (Short: 2012, p. 38), como também a nível externo, visto que a extração de matéria-prima aumentava a variedade e a quantidade de produtos à qual a Alemanha tinha acesso, o que ajudava a potenciar o comércio. Embora este não fosse marcante na época do colonialismo, vários alemães apoiantes do colonialismo defendiam que apesar da Alemanha ter uma história colonial que começou mais tardiamente do que a de outros países, o comércio tinha aumentado “estável e gradualmente”, visto que em 1902, este tinha rendido apenas sessenta milhões de marcos e em 1912 tinha rendido duzentos e sessenta milhões (Townsend: 1928, p.70).

O colonialismo, auxiliado pela unificação territorial da Alemanha que o antecedeu e pelos desenvolvimentos e progressos na ciência, foi capaz de trazer mudanças à economia alemã. “Throughout this period of burgeoning national unification, colonial enterprise, and the scientization of society, Germany’s economic structure was also changing in a profound manner.” (Jones: 2014, p. 23).

Portanto, graças à ação conjunta de diversos fatores, houve várias melhorias a nível económico. Apesar do crescimento económico que ocorreu na Alemanha Imperial ser, por vezes, considerado de natureza inconsistente e desigual, Wolfgang Mommsen descreveu uma “transformação extraordinária” na economia alemã (*apud* Jones: 2014, p. 23). Foi durante este período que a Alemanha desenvolveu a indústria e deixou de ser, primariamente, uma sociedade agrária. Para além do desenvolvimento industrial e do desenvolvimento dos caminhos de ferro, houve também um aumento da oferta de emprego, o que melhorou as condições de vida dos alemães. Não houve apenas um aumento dos postos de trabalho em fábricas, mas houve também um aumento nas chamadas funções de colarinho branco, nas posições que requeriam altas qualificações e nos pequenos negócios (Mommsen *apud* Jones: 2014, p. 23). Assim, as mudanças afetaram várias classes sociais.

Desta forma, é possível constatar que o colonialismo, aliado com outros avanços e melhorias que ocorreram na sociedade, trouxe melhorias à sociedade alemã, elevando o seu prestígio a nível mundial e melhorando a economia interna. Por isso, aqueles que tinham apoiado o colonialismo durante o tempo em que a Alemanha possuía colónias, continuavam a considerar o mesmo relevante para o país⁹. De forma a dar continuidade a esta mentalidade, a ação dos *media* era, assim, importante, pois auxiliava as fantasias coloniais a manterem-se vivas na memória das pessoas. São os *media* que criam uma imagem coletiva e que, tal como Luhmann defendeu, moldam a visão do consumidor.

⁹ No entanto, os que se opunham ao colonialismo pensavam de forma inversa: Visto que o colonialismo melhorou a economia juntamente com outros fatores, como a unificação do território e os avanços tecnológicos, era considerado pouco relevante.

Os media tornaram-se, assim, numa ferramenta do colonialismo, auxiliar à sua difusão e manutenção. “Media representation configures and amplifies the globalizing perspective integrated by the colonial movement, becoming accessory to colonization itself.” (Short: 2012, p. 5).

De acordo com Rogowski havia um apelo emocional generalizado causado pelo imaginário colonial na República de Weimar. A este imaginário estava associada uma visualidade específica, que, tal como foi anteriormente mencionado, alimentava fantasias de poder político a nível mundial, prestígio internacional e hegemonia económica (2010, p. 221).

Concluindo, os media são uma ferramenta eficaz de transmitir notícias, mas também são um meio utilizado para influenciar a forma de pensar e a visão do público-alvo. Durante a época do colonialismo e a época entre as guerras, os media eram um meio eficaz de difundir informação e de dar continuidade à divulgação do pensamento colonial, que era influenciado por variáveis como o orgulho e as necessidades económicas da Alemanha. Ao transmitir ideias relacionadas com este tema, que continuava a estar impregnado na sociedade, os media asseguravam que o mesmo continuasse a estar presente na mente das pessoas e que as fantasias coloniais continuassem a existir na Alemanha. Por isso, é de extrema importância conectar o tema do colonialismo com os media.

2-O colonialismo na publicidade do período entre as guerras

Foi no século XIX que as imagens nos anúncios publicitários e na propaganda ganharam maior importância, pois estas eram capazes de exprimir uma ideia sem precisar de texto a acompanhá-las. A Grã-Bretanha, sendo pioneira na industrialização, foi também dos primeiros países a fazer experiências com a forma como a publicidade era feita.

A publicidade rege-se pelas suas próprias regras, o que significa que tenta expressar ideias que vão para além daquilo que é pré-existente. A publicidade apresenta significados, simbologias e técnicas próprias. O seu objetivo principal é o de captar a atenção do seu público-alvo e incentivar à compra de um bem ou à absorção de uma ideia. A publicidade possui características informativas e persuasivas que pretendem convencer as audiências a adquirir um produto ou a assimilar uma ideia. Galbraith, Williams e Williamson consideram que há algo repreensível ou mesmo perigoso na publicidade que pretende influenciar o comportamento das pessoas (*apud* Barnard: 1995, p. 35).

Desta forma, partindo do conceito que os anúncios são utilizados para transmitir um ideal, estes passaram também a conter *motifs* coloniais, de forma a promover produtos das colónias e a transmitir a mensagem que o colonialismo era benéfico para os povos colonizados. Os colonizadores eram descritos como pessoas heroicas, cujo objetivo era melhorar a vida dos colonizados, trazendo-lhes cultura, religião e civilização. Assim, a publicidade era também utilizada para enaltecer os colonizadores e denegrir a imagem dos nativos através de representações e conotações negativas.

No mundo anglófono era dada muita importância a imagens relacionadas com o colonialismo, mas na Alemanha o mesmo não acontecia, pois, para os alemães, estas não tinham valor próprio, sendo utilizadas sobretudo para acompanhar texto. No entanto, isto foi mudando ao longo dos anos, até que a imagem obteve um estatuto importante para a publicidade na Alemanha, sobretudo durante o século XX. A imagem passou a ser independente e a ter valor próprio, por isso o texto deixou de ser mandatório na publicidade, podendo ser apenas utilizado em legendas ou para fornecer pequenas informações.

As imagens eram uma forma de facilitar a transmissão de uma mensagem, independentemente, por exemplo, da classe social ou do nível de instrução do público (que influenciavam a compreensão das mensagens escritas), e pretendiam demonstrar a importância do colonialismo para o país: “Propagandists highlighted their colonial origins in order to show the masses—and workers in particular—how the colonies made a difference in their lives”

(Short: 2012, p. 38). A publicidade pretendia também alargar os horizontes do público, fazendo com que este não prestasse atenção apenas ao seu quotidiano e àquilo que lhe era familiar, mas também alargar o seu conhecimento, a sua imaginação e a aumentar a atenção que davam às colónias.

“Propagandists had only to “direct the worker’s glance from his humdrum, everyday work to the faraway world, to stimulate his imagination, to put before his eyes the origins . . . of the raw materials with which he works every day”” (Short: 2012, pp. 38-39)

Devido à ação da publicidade, os operários da indústria ficavam também a conhecer mais sobre o local de onde provinham os materiais com que trabalhavam, alargando, assim o foco que era dado às colónias.

Na Alemanha, a publicidade dedicava atenção ao império colonial alemão porque as imagens relacionadas com o colonialismo criavam a tão importante visão de um império (Ciarlo: 2010, p. 38). Ou seja, os anúncios feitos em relação às colónias e aos seus produtos eram de bastante importância para a sociedade, assim como o que podia ser obtido através dos mesmos, que era a ideia de um império unificado e com poder. “(...) colonial imagery offered opportunities—and resolved potential pitfalls—that other imagery with noncolonial themes did not.” (Ciarlo: 2010, p. 38).

Os primeiros anúncios com *motifs* nacionalistas e coloniais começaram a surgir no final do século XIX, pois o interesse pelos territórios que tinham sido adquiridos pela Alemanha, como a baía de Kiaotschau na China, estava a aumentar. A figura 1 é um exemplo destas imagens e é uma ilustração feita para uma pastelaria em Dresden onde são vistos vários elementos que remetem para a China. O anúncio é referente a um pacote de bolachas, com o nome de *Kiaotschau-Gebäck*, e foi feito por W. Hromadka e Jäger-Nachfolger. Na imagem, é vista uma figura masculina a fumar um cachimbo de ópio e uma figura feminina a segurar num leque. Ambos estão vestidos com trajes tipicamente chineses e existem outros símbolos que remetem à cultura chinesa, como um bule e um vaso de porcelana. No plano de fundo, é possível observar ramos com flores de cerejeira, muito comuns na Ásia, e também caracteres asiáticos. Apesar do cenário ser referente à cultura chinesa, são utilizados objetos e produtos que eram conhecidos no Ocidente através das rotas comerciais, e eram, por isso, conhecidos pelos alemães.



Figura 1- Anúncio ao pacote de bolachas Kiaotschau, W. Hromakda e Jäger Nachfolger, Plauen-Dresden, 1898.

O nome das bolachas apresenta também características coloniais que podem ser conectadas ao ano de 1898, quando surgiram. Foi neste ano que dois missionários alemães foram assassinados em território chinês e a Alemanha utilizou a situação para exigir uma compensação ao Imperador. Desta forma, a Alemanha adquiriu a colônia chinesa de Kiaotschau, formada pelo porto de Qingdao e a baía de Jiaozhou, nomes que foram abandonados após o início do domínio alemão.

Estas bolachas fazem parte dos produtos que foram feitos para celebrar a aquisição de uma nova colônia e a prosperidade do colonialismo alemão.

A publicidade referente ao colonialismo tinha diversos pontos em comum nos vários países. Por exemplo, era transmitida a ideia que os impérios, apesar de serem compostos por territórios em diversos continentes, eram singulares e unificados, podendo ser vistos como extensões do país colonizador. Outro tema comum era que as colônias eram territórios cheios de riqueza e recursos naturais e que eram, assim, benéficos para a metrópole a nível económico. Uma das outras temáticas recorrentes era que os países colonizadores ajudaram as colônias a desenvolver-se. (Stanard: 2009, p. 32). Nestes temas está presente o estereótipo de “salvador branco”, cuja ação em território colonial é benéfica para os povos colonizados.

Esta tendência de transmitir ideias associadas ao colonialismo através da publicidade era ainda vista após o fim do império alemão, com o desfecho da primeira guerra, iniciando-se então um período de *Kolonialismus ohne Kolonien*.

Esta era uma realidade presente não só na Alemanha, mas também noutros países sem colónias. Por exemplo, de acordo com os estudos realizados por Stanard (2009), a existência das chamadas *Villages Nègres* na Suíça, um país sem domínios coloniais, prova que tais formas propagandísticas¹⁰ não estavam necessariamente conectadas com o imperialismo em si (p. 30), mas sim com um desejo de manifestar a superioridade europeia através da separação de “civilizados” de “selvagens” e de simplesmente seguir as tendências propagandísticas dos outros países. Desta forma, a ideia de que o colonialismo é frequentemente baseado em fantasias e em conceitos relacionados com desejos de superioridade, pertença e de autoafirmação encontra-se aqui comprovada. “(...) a few particularly zealous missionaries also understood “civilization” to mean supposed “European values”, which were often transferred with violence and usually meant the most effective methods of subduing and exploiting the non-European peoples.” (Heyden: 2011, p. 217). Isto é, estes valores europeus, associados ao conceito de civilização, eram importantes para demarcar a diferença entre europeus e não europeus. O conceito de civilização não era associado aos últimos, permitindo, assim, a autoafirmação e uma alegada superioridade por parte dos europeus, o que resultava numa extensa abrangência que envolvia países europeus e não apenas países colonizadores.

Vários países europeus partilhavam hábitos e temas semelhantes na forma como publicitavam o colonialismo durante o século XX, o que também englobava o período entre as duas guerras, período este em que a Alemanha já não tinha colónias. As mensagens que a propaganda transmitia a favor do império eram semelhantes, o que sugeria a partilha de uma cultura colonial entre vários países, que podiam ser detentores de colónias ou não.

Tal como os países que ainda tinham territórios coloniais, como a Inglaterra, a Itália e a França, a Alemanha, que já não tinha um império colonial, ainda organizava eventos para celebrar o antigo império em cidades como Berlim e Hamburgo. Assim, era selecionado um dia para celebrar o império e as colónias, o que mostra que a Alemanha ainda estava apegada à ideia das colónias e também que estava em sintonia com os outros países europeus, apoiando o projeto imperial e colonial. Desta forma, é recuperada a ideia de que a Alemanha sentia um desejo de ser incluída no panorama europeu. Este dia está representado e publicitado no cupão presente na figura 2.

¹⁰ Segundo Cross, Steitz e Walter (2016), as *Villages Nègres* eram também uma forma de fazer propaganda.



Figura 2- Cupão publicitário, 1921/1922.

Na figura 2, está presente um cupão que faz publicidade às colônias e ao dia escolhido para celebrá-las.

No cupão, estão presentes três datas marcantes no colonialismo alemão:

A primeira é 1682, que foi a data em que Friedrich Wilhelm, governante de Brandenburgo-Prússia e conhecido como “O Grande Eleitor” concedeu um alvará a uma empresa recém-criada. Esta empresa era conhecida como *Brandenburgisch-Afrikanische Compagnie* e posteriormente por *Brandenburgisch-Afrikanische-Amerikanische Compagnie*¹¹ e pretendia potenciar as rotas comerciais entre a Alemanha e a região da África Ocidental. Brandenburgo-Prússia foi a última potência europeia a entrar no comércio africano no século XVII, numa tentativa de imitar o sucesso da Companhia Holandesa das Índias Ocidentais. Este poderá ser considerado o primeiro elo de ligação entre a Alemanha e o colonialismo, que, apesar de não ter resultado na aquisição de territórios, foi uma tentativa de estabelecer comércio com uma região de África.

¹¹ Em 1701, após Friedrich I. ter adquirido o título de rei na Prússia, a companhia passou a ser conhecida como *Brandenburgisch-Afrikanische-Amerikanische Compagnie*.

A segunda data presente no cupão é 1884, ano em que ocorreu a Conferência de Berlim, cujo objetivo era organizar os diferentes projetos de exploração e ocupação de África, de forma a prevenir conflitos entre as várias potências. Esta Conferência, para além de abordar outras questões, tentou regular o Direito Internacional Colonial e foi uma das conferências mais importantes na segunda metade do século XIX.

“[Os] pontos principais [que] constituíram a agenda da Conferência: (1) a liberdade de comércio em toda a bacia do Zaire e sua foz; (2) a aplicação dos princípios do Congresso de Viena quanto à navegação nos rios internacionais (entre outros, do Níger); (3) a definição de “regras uniformes nas relações internacionais relativamente às ocupações que poderão realizar-se no futuro nas costas do continente africano”; (4) estatuir sobre o tráfico de escravos. (...)”¹²

Desta forma, a Conferência de Berlim foi um acontecimento importante para a tomada de decisões relacionadas com os territórios africanos e foi incluída na figura 2 por ser um marco relevante para o colonialismo alemão.

A terceira e última data é 1918, que corresponde ao fim da Primeira Guerra Mundial, evento que despoletou a perda das colónias alemãs após a assinatura do Tratado de Versalhes no ano seguinte.

O cupão é de 1922, o que indica que após a perda das colónias, ainda era feita publicidade ao colonialismo e às antigas colónias alemãs.

O mesmo é visível nas figuras 3 e 4, que correspondem a cupões com imagens alusivas a antigas colónias alemãs, nomeadamente Kiaotschou e Togo.

¹² Citação retirada do portal diplomático do governo português



Figura 3- Cupão que faz publicidade à antiga colónia de Kiaotschou, 1921/1922.

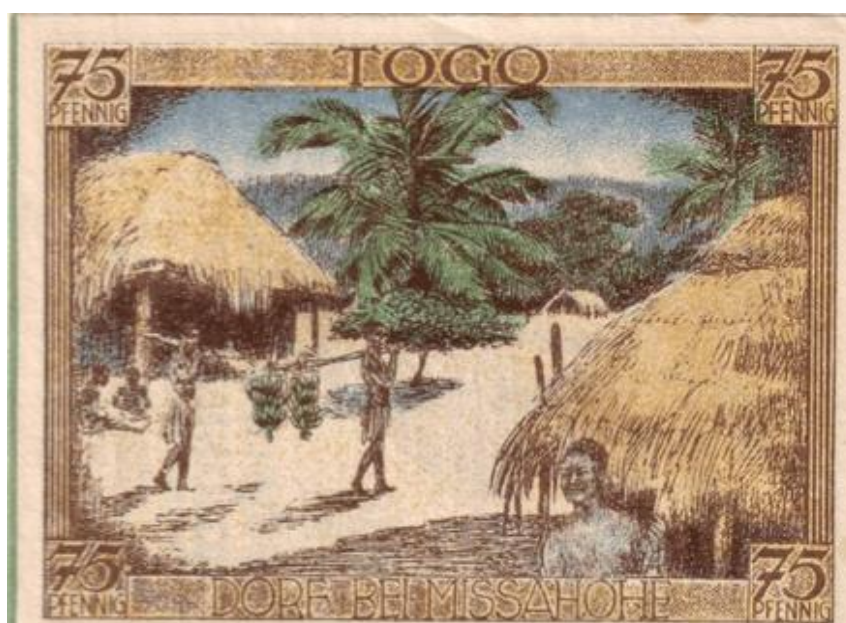


Figura 4- Cupão que faz publicidade à antiga colónia do Togo, 1921/1922.

De forma a captar a atenção das pessoas, é incluída uma imagem das colónias que ocupa a maior parte do cupão. É importante realçar o facto de que os media eram essenciais para que os alemães conhecessem os territórios colonizados, visto que a maior parte não podia visitá-los pessoalmente. Assim, as imagens referentes às colónias têm um estatuto de grande importância. Para além da imagem, que é aquilo que capta a atenção do público-alvo, estão apenas presentes os nomes das colónias o valor dos cupões. Desta forma, ao colocar a imagem

no centro e enquanto elemento mais importante, é possível constatar que o verdadeiro objetivo dos cupões era de facto divulgar e celebrar as antigas colónias alemãs, mostrando que a mentalidade colonial ainda estava enraizada na publicidade e na mente de muitos alemães, não só nas mentes de quem criava a publicidade, mas também dos seus recetores.



Figura 5- Capa do jornal *Berliner Illustrirte Zeitung* de 25 de janeiro de 1925.

É também através dos media que o público é relembrado do espírito aventureiro que é inerente ao colonialismo. A figura 5 corresponde à capa da edição do jornal *Berliner Illustrirte Zeitung* de 25 de janeiro de 1925. Na imagem, estão exploradores alemães ao pé de um crocodilo que capturaram. É importante mencionar que os *motifs* coloniais não eram apenas uma forma de glorificar o colonialismo e colonizador, revelando, simultaneamente, a inferioridade dos povos colonizados, mas eram também uma forma de revelar uma certa curiosidade e interesse em relação aos povos estrangeiros, ao chamado “Outro”. Segundo a perspetiva de Humboldt era um erro pensar que os “*conquistadores* [em espanhol] eram movidos unicamente pela ganância do ouro e ainda pelo fanatismo religioso” porque esse pensamento restringia os motivos por trás do colonialismo, como “o encanto da novidade e da surpresa espantosa” (*apud* Opitz: 2009, p. 37).

A imagem em questão demonstra o interesse que ainda existia em relação às espécies dos territórios anteriormente colonizados pela Alemanha, estando presente a ideia de que o exotismo faz parte do processo de colonização. A imagem representa também a ideia que foi defendida por Humboldt: O colonialismo não era apenas motivado pelo desejo de obter riquezas, matérias-primas e territórios, que posteriormente iriam fornecer poder económico, prestígio, e alimentar as ambições dos países colonizadores, mas era também motivado pela curiosidade e pelo desejo de aventura. Na capa do jornal, esta ideia está ainda mais presente, visto que é uma fotografia que foi captada após a Alemanha ter perdido as suas colónias e, por isso, já não beneficiar das suas matérias-primas e riquezas. Para além disso, esta imagem pode ser uma forma de mostrar que os alemães, apesar de terem sido culpados pela guerra e de já não possuírem colónias, tinham conservado o seu espírito aventureiro e a sua curiosidade em relação ao mundo que os rodeava.

Apesar de ser importante apresentar esta perspetiva, é relevante dizer que não acredito que este alegado desejo de aventura seja uma razão que justifique e de certa forma desculpe os atos que foram cometidos pelo colonialismo, pois a subjugação de um povo nunca deverá ser aceite ou justificada pelo desejo de aprofundar conhecimentos.

A esta imagem podem também ser associadas as dicotomias e as dinâmicas do colonialismo, em que os europeus eram superiores e estava em vantagem, e os que são provenientes do território colonizado, sejam vidas humanas ou selvagens, estavam em desvantagem. As crenças na desigualdade, na segregação, no paternalismo, na condescendência, assim como a exploração sistemática do trabalho escravo, eram alguns dos valores incluídos não só no colonialismo alemão, mas também no de outros países. Estas eram características principais da forma como os colonizadores lidavam com as culturas indígenas. (Kudrus: 2011, p. 34).

De acordo com a informação disponibilizada pela base de dados da Goethe Universität de Frankfurt am Main, o jornal *Deutsche Kolonialzeitung* continuava a ser publicado depois da Primeira Guerra Mundial, sendo que a última publicação disponibilizada por este site é de 1922. Segundo as pesquisas feitas por Townsend (1928), o mesmo acontecia com as revistas *Koloniale Rundschau* e *Kolonialdeutsche*, que se dedicavam exclusivamente aos interesses coloniais e circulavam em massa apesar da Alemanha já não possuir colónias. (p. 65). O facto de ainda existirem jornais e revistas dedicadas exclusivamente a temáticas coloniais, mostra que a Alemanha ainda mostrava interesse pelo colonialismo, tentando preservar a mentalidade

colonizadora do público-alvo e também continuar a manter os alemães informados acerca do que acontecia nas colônias de outros países.

O discurso racista do "Outro" negro formou a base da propaganda colonial e foi constantemente reproduzido na mesma. A propaganda encontra-se presente em vários meios de comunicação, não só em anúncios publicitários. Isto significa que nos capítulos que se seguem, a propaganda estará muitas vezes presente.

Após uma busca de anúncios em várias bases de dados¹³ que disponibilizavam revistas e jornais da época, é possível verificar que não existe muito conteúdo disponível que seja relativo a este tema. No entanto, considero importante mencionar as ilustrações de Nina Brodsky presentes na edição da revista *Gebrauchsgraphik (Monatsschrift zur Forderung Künstlerischer Reklame)* de setembro de 1927.

Apesar de não haver nenhum tipo de apelo ao colonialismo, a revista selecionou obras da artista russa Nina Brodsky que contêm imagens exóticas, nomeadamente a imagem na parte superior da página e no canto inferior direito. Não existem informações disponíveis sobre as obras em questão, por isso será apenas providenciada uma breve descrição das mesmas.

¹³ IADDB- International advertising and design database; Zeitschriften Datenbank; Kolonialbibliothek UniversitätsbibliothekUB

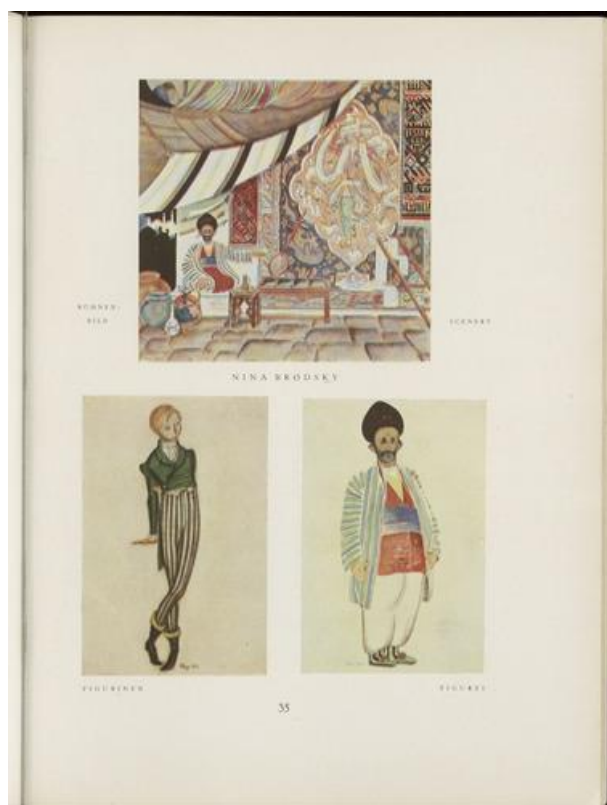


Figura 6- Ilustrações de Nina Brodsky na revista *Gebrauchsgraphik*, 1 de setembro de 1927.

A imagem na parte superior da página apresenta um cenário com vários elementos orientais: os potes no canto esquerdo, as tapeçarias penduradas, a mobília, o próprio indivíduo e os trajes que este veste. A imagem à direita, na parte inferior da página, apresenta um indivíduo com trajes típicos, como calças largas e um turbante.

Ou seja, apesar da Alemanha já não estar diretamente envolvida nas dinâmicas coloniais, estas deixaram vestígios na sociedade, vestígios que, aqui, são visíveis na forma como esta revista selecionou dois trabalhos alusivos aos conceitos de exótico e orientalismo, mostrando que esta revista, que difundia trabalhos artísticos, ainda demonstrava interesse por estas temáticas.

Em vez de haver um corte com estes temas, visto que estes supostamente não seriam de grande interesse para a Alemanha, nem a afetariam de forma direta, continuava a haver a representação dos mesmos nos media. Esta era uma forma de continuar a alimentar fantasias antigas e também de promover a ideia que a Alemanha ainda tinha algum tipo de relação com estes territórios.

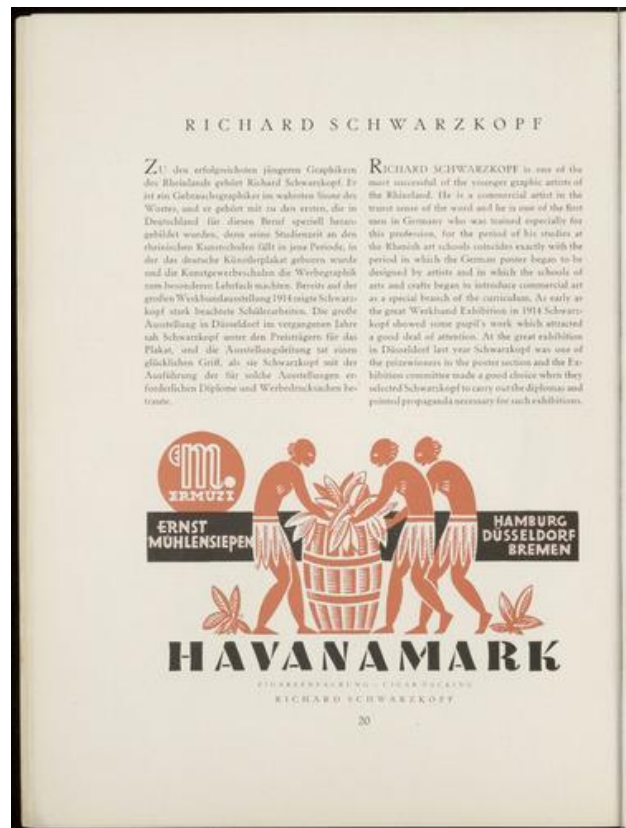


Figura 7- Ilustração de Richard Schwarzkopf na revista *Gebrauchsgraphik*, 1 de setembro de 1927.

Na mesma edição da revista *Gebrauchsgraphik* aparece uma imagem de Richard Schwarzkopf. A figura 7 apresenta uma ilustração que pretende fazer publicidade ao embalamento de cigarros e contém a presença do exotismo, o que é visível nos indivíduos e nos seus trajes. A imagem, em vez de aludir diretamente aos cigarros, representa nativos, o que era uma técnica bastante utilizada antes da perda das colônias¹⁴, tal como foi visto nas figuras 3 e 4 desta secção. O principal objetivo deste tipo de representação era, em vez de dar mais visibilidade e focar a atenção no produto em si, focar a atenção nas colônias e nos povos indígenas.

Esta imagem constitui mais uma evidência que mesmo após a perda das colônias, a publicidade continuava a repetir técnicas utilizadas durante o colonialismo e a dar mais ênfase a um cenário colonial, que pode ser formado através de paisagens da colônia, informações sobre a mesma (transmitidas através de símbolos a ela associados, como será visto na figura

¹⁴ Em muitos anúncios, em vez de ser atribuído ênfase à representação do produto, o destaque era atribuído às colônias e/ou aos seus nativos através da representação dos mesmos.

8), ou através da representação de nativos, considerados figuras exóticas, que é o que acontece na imagem em questão.

Este tipo de publicidade continuou a existir na Alemanha, mesmo em 1939, ano do início da Segunda Guerra Mundial. As duas figuras que se seguem apesar de não estarem inseridas no período de foco desta dissertação, são bastante relevantes para o tema em questão e, por isso, não podem ser deixadas de parte. São um exemplo de como as antigas colônias não foram esquecidas ao longo dos anos, pois a publicidade continuava a incluí-las nas suas temáticas.



Figura 8 – Imagem alusiva às antigas colônias alemãs. Da série *Wie lange noch ohne Kolonien?*, 1939.

A figura 8 corresponde a um postal pertencente a uma série intitulada *Wie lange noch ohne Kolonien?* O postal mostra que apesar do império alemão estar espalhado por vários continentes, existe união entre as colônias. Esta ideia é transmitida ao representar as colônias alemãs através de um brasão com imagens alusivas às mesmas.

O brasão que representa a Alemanha é o maior, encontra-se na parte superior e central da imagem e está rodeado por brasões mais pequenos. Todos estes brasões têm a águia alemã na parte superior e na parte inferior têm um símbolo alusivo à respetiva colônia, como uma palmeira com duas cobras para o Togo ou um elefante para a África de Leste.

No centro do postal, lê-se a frase *Unsere Kolonien*, que reforça a ideia de posse sobre os territórios que costumavam pertencer à Alemanha. No entanto, este título presente na imagem e o título da série são contraditórios, visto que o primeiro remete para a posse que supostamente ainda é existente (“As nossas colónias”), enquanto o segundo aponta para a falta das colónias (“Até quando sem colónias?”). Estes títulos são uma alusão ao estado de contradição em que a própria Alemanha se encontrava.

De acordo com Stanard (2009), o mito do império unificado era repetido pela Europa e a forma mais relevante de transmitir esta ideia era visualmente (p. 13), pois o público-alvo conseguia ver a união que supostamente existia entre as colónias e o país colonizador. A figura 8 transmite exatamente este sentimento de união ao representar não só a Alemanha, mas também as suas antigas colónias. Esta mensagem continuava, assim, a ser transmitida mesmo após o fim do colonialismo alemão e o aparente elo que existia entre a Alemanha e os seus antigos territórios coloniais continuava a existir.

A publicidade era, deste modo, um meio para criar a ideia de união e até camaradagem entre o país colonizador e os países colonizados. Este conceito pode ser considerado mais uma ilusão originada pelas fantasias coloniais, pois em vez dos alegados valores de união e entreajuda, havia violência, discriminação e uma desigualdade extrema. Kudrus (2011) considera que o domínio e a exploração, aos quais está associada a subjugação, eram as estruturas básicas de todos os tipos de imperialismo e que todas as formas de domínio colonial, danificaram e feriram as mentes, almas e corpos daqueles que foram colonizados (pp.34-35). O colonialismo alemão não era exceção e foi também prejudicial para aqueles que habitavam nos territórios colonizados. Tal como Kudrus, Strandmann (2011) realça o papel da violência no império alemão, mostrando como o poder militar era utilizado para abafar as opiniões e a liberdade de expressão dos nativos, visto que qualquer tipo de revolta era imediatamente silenciado. “Military power played a special role in both empires; state-sanctioned violence conquered and subjugated the colonial hinterlands. Any resistance or uprising was brutally squashed (...)” (p. 201).

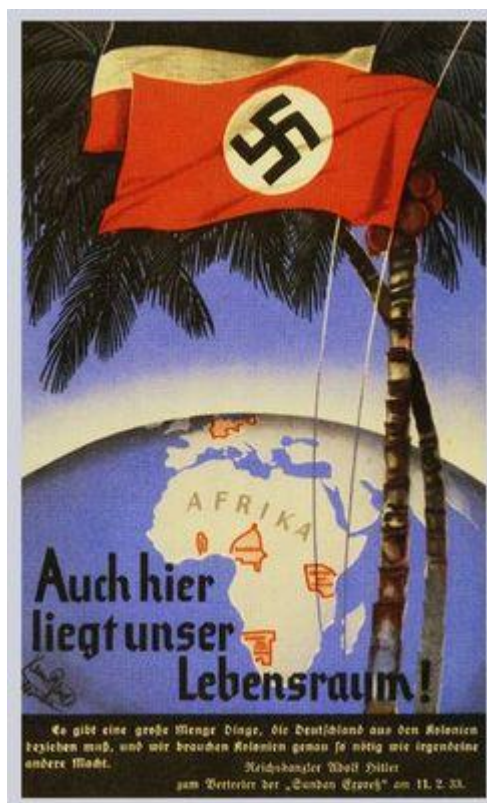


Figura 9- *Auch hier liegt unser Lebensraum*¹⁵, 1939.

A figura 9 corresponde a um poster de 1939 cujo objetivo é fazer propaganda às antigas colónias alemãs, dizendo que estas ainda faziam parte do espaço vital alemão. Desta forma, alguns territórios africanos foram incluídos no que seria o espaço vital, *Lebensraum*, da Alemanha e o mesmo englobava outros territórios da Europa, o que vai ao encontro da ideia de Moses que foi mencionada na secção 1.1 desta dissertação. Segundo Moses (2011), o termo colonialismo deverá ser aplicado tanto no contexto marítimo, como no terrestre. Por este motivo, é enganador restringir o colonialismo somente a impérios marítimos (pp. 75-76).

Na parte superior da imagem, são visíveis as bandeiras do nacional-socialismo em primeiro plano e a bandeira do Império Colonial alemão na parte de trás, mostrando que existe uma união entre ambas e que a expansão do domínio alemão em África continuava a ser um objetivo durante o nacional-socialismo. Na imagem pode também ser observado, tal como foi mencionado anteriormente, que um outro objetivo era a expansão da Alemanha a nível europeu, o que iria incluir a posse sobre a Áustria. Este desejo por parte do nacional-socialismo fazia alusão ao conceito da “Grande Alemanha”, conceito este que surgiu antes da unificação alemã e que incluía a junção da Áustria ao que seria o futuro território alemão. No contexto do

¹⁵ Imagem retirada de *Open Edition Journal*.

nacional-socialismo, este conceito correspondia à incorporação da Áustria no Terceiro Reich em 1938.

Ao longo destes capítulos, foram analisados os motivos que levaram ao colonialismo. Estes motivos baseiam-se no orgulho, no desejo de inclusão, razões económicas e, segundo a perspectiva de Humboldt, no desejo de aventura e de conhecer novas e diferentes realidades. Foi possível constatar que após o fim do colonialismo alemão, a publicidade era utilizada para preencher lacunas e alimentar fantasias antigas, conseguindo manter viva a esperança de que um dia a Alemanha recuperaria as suas colónias. Através da publicidade, era também criado um elo de ligação entre a Alemanha e os países que ainda possuíam colónias, o que ajudava a preencher o desejo de inclusão. Desta forma, a publicidade do período entre as guerras tentou preencher o vazio que foi deixado pela perda das colónias e deu continuidade a temas relacionados com o colonialismo.

3- As influências do colonialismo no cinema do período entre as guerras

O cinema tornou-se numa das fontes de entretenimento urbano após 1905, mas apenas se tornou numa atividade popular de lazer durante as décadas de 1920 e 1930. Na Alemanha, aproximadamente um terço da história do colonialismo é partilhado com as fases iniciais do cinema, entre 1896 e 1914 (Fuhrmann: 2010, p. 148).

O cinema fazia parte de um conjunto de meios de comunicação que começou a explorar o colonialismo como forma de entretenimento. Apesar do cinema antigo ser visto por muitos como primitivo e detentor de técnicas simples, foi bastante importante para a exploração do colonialismo como meio de entretenimento e consequente divulgação e exaltação do mesmo. No entanto, existe uma relação de reciprocidade, visto que o cinema evoluiu bastante graças ao colonialismo, pois as colónias garantiam o acesso a lugares que eram desconhecidos pelo público e forneciam temas para os filmes explorarem. Assim, as câmaras podiam não só capturar imagens destes locais e dá-los a conhecer ao público, mas também explorar narrativas coloniais em que eram exaltadas as qualidades dos colonizadores, sendo-lhes reconhecida superioridade, e exploradas as diferenças raciais. Estas diferenças raciais não eram apenas vistas nas características físicas dos intervenientes, mas também na discrepância económica e nas suas condições de vida. África era muitas vezes integrada na narrativa, sendo vista como um lugar de salvação, e eram criados estereótipos e dicotomias entre os colonizadores e os colonizados.

O colonialismo alemão era visto pelos alemães que o defendiam como um “projeto cultural missionário”, em que a violência e a opressão eram utilizadas em nome da cultura e da civilização. A expansão colonial era um tipo de intervenção humanitária e uma tentativa de educar os povos indígenas, melhorando as suas condições de vida (Schubert: 2011, p. 399). Mas esta forma de pensar e a sua representação nos media, neste caso, no cinema, não correspondia ao que acontecia na realidade.

“Civilizing- if one wanted to use this term at all- in the German context did not lead to the introduction of civil society in the colonies, nor did Germany mean for it to do so. What most Germans wanted was to force the indigenous populations to work (...) for German employers and according to European concepts of the work ethic. This kind of *Erziehung* (education) meant little education and a great amount of hard work.” (Strandmann: 2011, p. 201)

O que grande parte dos alemães pretendia obter do colonialismo era mão de obra, riquezas e prestígio e, para isso, era necessário educar os nativos e ensiná-los a trabalhar consoante a ética europeia de trabalho (*Erziehung zur Arbeit*). Assim, a alegada missão de civilizar e de gerar melhores condições de vida nas colónias não era a prioridade. Tal como as outras formas de media, o cinema romantizava África e o colonialismo, reforçava dicotomias, a ideia de superioridade branca e os estereótipos, que eram bastante visíveis nas personagens dos filmes.

Mesmo após a perda das colónias alemãs, o cinema continuava a apresentar narrativas em África e a manter os estereótipos entre os alemães e os povos indígenas, em que os primeiros eram representados como sendo heróis e os segundos como pessoas imorais ou selvagens. Apesar do colonialismo não ser um dos temas principais do cinema da época, estava presente nos enredos e deverá ser abordado no âmbito deste trabalho.

Será explorada a forma como o cinema retratava África e as dicotomias que eram anteriormente associadas ao colonialismo. Este capítulo contribuirá também para a exploração da propaganda, visto que serão analisados os cartazes dos filmes em questão. O discurso racista do "Outro negro" formou a base da propaganda colonial e foi constantemente reproduzido pela mesma (Schubert: 2011, p. 400). Esta ideia era visível quer nos filmes, nas suas personagens e enredo, quer nos seus posters publicitários.

“In the ‘enlightened’ world-view that developed during the early modern period, Africans were assigned the lowest rung on the ‘ladder’ of culture and civilization. This world-view played an important role in German colonial propaganda (...) whereby German colonial rule was legitimized and the Reich’s economic motives were concealed by stressing the ‘civilizing’ nature of the colonization process.” (Schubert: 2011, pp. 404-405)

De acordo com a citação de Schubert, África e os seus nativos estavam no nível mais baixo dos conceitos de cultura e civilização e esta ideia era importante na esfera da propaganda colonial alemã. Este era um conceito que se encontrava frequentemente transmitido e

representado nos media e era utilizado como uma justificação para o colonialismo e para a ação dos colonizadores. A suposta ação civilizadora, religiosa, educativa e cultural do país colonizador sobrepunha-se, alegadamente, a interesses como a obtenção de riqueza e de prestígio, ou encontrava-se equiparada aos mesmos: „(...) im mächtigen Continent Afrika, wo Deutschland sich gleichmäßig durch Gründung von Handelsfactoreien an der Culturmission betheiligen kann, reichen Gewinn mit civilisatorischen Ideen und humanitären Absichten verbindend.” (Wagner *apud* Schubert: 2011, p. 408). Ou seja, a Alemanha conseguiria, através da missão cultural, obter lucros, através da construção de fontes de rendimento como o comércio, e combiná-los com as suas ideias civilizadoras e intenções humanitárias. Aqui, o colonizador encontra-se representado como o salvador branco, que chega a um território desconhecido, habitado por povos selvagens, e espalha a sua cultura de forma a civilizar e, consequentemente, proporcionar melhores condições de vida a estes povos. O lucro obtido através do colonialismo é apenas um extra que acompanha (ou até recompensa) os colonizadores pelos seus esforços.

“(...) it had been precisely the prospect of ‘educating the Negro’ that had legitimized the course of action taken by German colonizers and helped to conceal the economic interests that were in reality at the heart of the country’s colonial expansion.” (Schubert: 2011, p. 410)

No entanto, tal como foi visto anteriormente, a missão civilizadora era apenas uma forma de esconder as verdadeiras intenções e motivações dos colonizadores que eram os interesses económicos e a obtenção de prestígio.

O tipo de propaganda que defendia estas ideias, ou seja, que o colonialismo era uma ação civilizadora e altruísta, está presente no primeiro filme que será analisado nesta secção da dissertação: *Allein im Urwald* de Ersnt Wendt.

3.1- *Allein im Urwald*

O filme *Allein im Urwald*, também conhecido como *Die Rache der Afrikanerin*, realizado por Ernst Wendt em 1922, continha diversos estereótipos, como o de um servo leal e ingênuo, que estava feliz com as suas condições de vida, o que podia ser interpretado como um reforço à visão que o colonialismo era algo benéfico para os povos indígenas e que estes se sentiam satisfeitos com a presença dos colonizadores no território. O outro estereótipo presente no filme é o do nativo hipersexualizado, o que era visto como imoral e até perigoso. Assim, não havia meio termo na representação dos nativos, que eram enquadrados nos espectros redutores do “bom” e do “mau”.

Rogowski (2010) descreve o filme como sendo um triângulo melodramático de erotismo. O imprudente e aventureiro Van Schreven (Lothar Mehnert) procura seduzir Lydia (Nora Swinburne), a mulher do seu amigo, o engenheiro Gyldendal (Carl de Vogt). Lydia não cede às tentativas de Van Schreven e, ao fugir dele, é mordida por uma cobra e morre. Mais tarde, Van Schreven financia uma expedição de Gyldendal a um país africano sem nome. (p. 224).

A ação do filme começa por decorrer num cenário ocidental, proporcionando, inicialmente, um ambiente que é conhecido pelas audiências, pois aquilo que é conhecido garante uma sensação de segurança e familiaridade ao público, o que incentiva o visionamento do filme. Posteriormente, o público é confrontado com um cenário exótico e desconhecido, o que leva a comparações e cria dicotomias como Eu/Outro e conhecido/desconhecido.

Para além disso, é importante mencionar que o cinema e as outras formas de media são, para a maior parte da população, a única forma de ter algum tipo de acesso a territórios estrangeiros, visto que maioria da população não teria capacidades económicas de viajar até estes locais. Desta forma, as imagens transmitidas pelos media e especialmente pelo cinema eram de grande importância e também bastante apreciadas. Este foi um dos motivos pelos quais o cinema se popularizou enquanto meio divulgador do colonialismo. No início do século XX, os relatos de viagens tornaram-se numa forma popular de dar a conhecer as colónias às audiências. Estes continham imagens de locais importantes, “shots emblemáticos”, e faziam parte de um dos géneros mais populares das fases iniciais do cinema para representar locais e

povos estrangeiros (Fuhrmann: 2010, p. 150). Após a perda das colônias, o cinema continuou a ser utilizado para divulgar ideias sobre as mesmas e para mostrar territórios estrangeiros.

Seguidamente, será analisado o filme *Allein im Urwald* e como este, de forma consciente ou não, ainda continha muitos estereótipos e complexos de superioridade.

A personagem Ngumba (Madge Jackson), uma cozinheira africana, sente uma atração incontrolável por Gyldendal, mas quando tenta seduzi-lo, ele rejeita-a. Na dinâmica destas personagens é visível a hipersexualização da mulher africana, incapaz de refrear o seu desejo sexual, enquanto o homem branco é representado como alguém racional e maduro, que tem a capacidade de rejeitar os avanços sexuais de uma mulher. Para além disso, é também mantida a barreira racial e social entre as personagens. No entanto, isto não é uma representação fiel à realidade, visto que os colonizadores exploravam sexualmente as mulheres indígenas. Mas os media, neste caso o cinema, distorciam a realidade para que os povos colonizados fossem vistos como os vilões do enredo, mantendo o conceito de “*black beast*”, utilizado por Zeller (2010), presente nas suas representações.

Ngumba, ao ser rejeitada por Gyldendal, tenta seduzir Van Schreven, que, entretanto, tinha viajado para o continente africano, e Manga, um trabalhador que está apaixonado por ela, de forma a persuadi-lo a fazer parte do seu plano para se vingar de Gyldendal após este a ter rejeitado. Ngumba convence Manga a libertar um bando de jaguares para atacar Gyldendal, no entanto o plano é travado por outro servo, Bell.

A personagem Bell é um representante do estereótipo do “bom servo”, aquele que está satisfeito em servir e escolhe a segurança e bem-estar dos seus “mestres brancos” em vez de seguir os planos maldosos dos outros servos. Inclusivamente, Bell intitula Manga de “*böser Nigger*”, o que revela um preconceito endémico, acentuando a ideia de que os próprios nativos reconhecem a superioridade branca.

De forma a dar continuidade ao seu plano de vingança, Ngumba rapta Marion, filha de Gyldendal. Ngumba representa o “mal” e a criança, branca, inocente e pura, representa o “bem”.

Antes de conseguir recuperar a filha, Gyldendal é capturado por nativos selvagens e, após conseguir escapar, é ajudado por uma família branca. Mais uma vez, o enredo do filme repete representações do passado, em que os brancos são representados como salvadores, pessoas bondosas e honestas, e os indígenas como perigosos.

No fim do filme, Ngumba é sentenciada à morte num julgamento e Manga morre num incêndio que ele próprio ateou.

O filme contém mais estereótipos que são importantes para a construção da imagem dos colonos africanos. A personagem Bim, um rapaz jovem que trabalha para Gyldendal, representa diversos estereótipos. O primeiro, tal como Bell, é o do "bom servo", que está satisfeito em servir.

O segundo está relacionado com a natureza dos colonos. Num momento em que se encontrava sozinho, longe da vigilância de Gyldendal, Bim rouba um dos cigarros de Gyldendal e senta-se na sua secretária a fumar, colocando os pés em cima da mesa.

Apesar de ser uma tentativa de imitação de quem está no poder, esta cena poderá aludir à visão de que africanos são naturalmente preguiçosos e que, sem a vigilância e intervenção branca, não conseguiriam controlar a sua natureza. A escolha de um ator jovem leva também à ideia de que, visualmente, o realizador procurava alguém que simbolizasse a ideia de ingenuidade.

A imagem do “negro preguiçoso” foi criada por Hübbe-Schleiden como parte da sua teoria sobre a produtividade das forças culturais (*Produktivität der Kulturkräfte*). Wilhelm Hübbe-Schleiden estabeleceu um contraste entre o etíope e o caucasiano e defendeu que o caucasiano era superior ao etíope como um homem era superior a uma criança. É relevante mencionar a forma como o filme *Allein im Urwald*, para além de conter o estereótipo da preguiça, acaba por representar também a última ideia mencionada, pois Bim é um jovem servo e o comum *motif* de que o nativo é uma criança e o colonizador era um adulto, encontra-se personificado na personagem.

Esta metáfora corresponde à ideia de que os nativos eram selvagens, aguerridos e não tinham educação, e, por isso, eram como uma criança que precisava de ser guiada e educada por uma figura superior. O colonizador era, então, o adulto e o educador. Hübbe-Schleiden defendeu ainda que os etíopes não eram desenvolvidos, mas eram capazes de se desenvolver.

„Nur im Kontakte und unter der Leitung des Europäers gewinnt auch die Arbeitskraft des Tropen-Bewohners Ausdauer, seine Haltung Festigkeit, sein Geistesleben Spannkraft zu höherer Gesittung und Bildung.“ (*apud* Schubert: 2011, p. 408). Ou seja, o seu potencial de aprendizagem será despertado pela ação civilizadora e educativa dos colonizadores. É apenas através do contacto e da orientação dos europeus que o comportamento dos nativos se torna mais estável e adequado, as suas capacidades intelectuais são desenvolvidas e aproximam-se de um nível mais elevado de cultura e educação.

As ideias estereotipadas tinham importância para as audiências, pois reforçavam aquilo que as pessoas sabiam e despoletavam certos conhecimentos que foram transmitidos e absorvidos de forma voluntária, por exemplo, através da educação, ou involuntária, através de representações dos media. “Clichéd racial images in exoticist films of the Weimar period confirmed to German audiences what they thought they already knew.” (Rogowski: 2010, p. 225).

O filme apresenta também cenas onde o exotismo está bastante presente, nomeadamente cenas com animais selvagens, como leões e leopardos, e as próprias paisagens. Estas cenas funcionam também como uma metáfora, pois África é vista como um local que, tal como um animal selvagem, precisa de ser domesticado.

Assim, e tendo em conta as diversas observações que foram feitas ao longo da análise do filme *Allein im Urwald*, este não explora a perspectiva dos colonizados, nem procura retratar os acontecimentos de forma adequada, visto que os colonizados são retratados como pessoas mesquinhas e cruéis que procuram vingar-se do colonizador por motivos pessoais.

“The film thus reconfigures rebellion against colonial oppression and exploitation as a personal vendetta launched by immature, irrational, and irresponsible creatures, implicitly bolstering the alleged need for white guidance and guardianship” (Rogowski: 2010, p. 225).

Ou seja, não existe a tentativa de retratar problemas coloniais existentes e que de facto afetaram pessoas reais, nem de atribuir razões mais próximas da realidade ao conflito. No filme, tal como noutras representações que partem das perspetivas dos países colonizadores, o problema não se encontra no colonizador, mas sim no colonizado.

Apesar deste filme não apelar diretamente ao colonialismo, contém muitos temas relacionados com o mesmo. A superioridade moral e intelectual dos brancos é destacada, e é reforçada a inferioridade dos povos indígenas, que são representados com características negativas como a preguiça e a maldade, ou, quando são representados de forma positiva, como Bell, são desprovidos de qualquer reprovação em relação aos colonizadores e estão dispostos a trair membros do seu próprio povo para defendê-los.

Por fim, será importante referir que Madge Jackson era uma atriz americana que estava entre os poucos atores com origens africanas cujo nome apareceu nos créditos finais de um filme alemão realizados na época. (Rogowski: 2010, p. 224). Esta ausência de nomes de atores com origens africanas nos créditos finais revela que os atores brancos eram considerados mais importantes, ou, pelo menos, eram mais valorizados na Alemanha.

Com narrativas fantasiosas e finais próximos do idílico¹⁶, com a escolha de locais visualmente apelativos e a adulteração de factos de forma a favorecer as personagens brancas, os filmes com representações coloniais afastavam-se do âmbito da verdade e não representavam os verdadeiros problemas do colonialismo, pois estes poderiam ser prejudiciais para a imagem dos colonizadores, que os media tentavam preservar ao máximo¹⁷. O colonialismo não está expresso de forma clara nos filmes, técnica que era comum durante a época do primeiro pós-guerra: “The countless exotic adventure films produced during the early Weimar period primarily acquire a colonialist dimension in oblique and indirect ways.” (Rogowski: 2010, p. 226).

Seguidamente, será analisado o filme *Eine Weiße unter Kannibalen*, de Hans Schomburgk.

¹⁶ Por exemplo, no filme *Allein im Urwald*, existe a distinção clara entre o bem e o mal. As pessoas que se enquadram no primeiro elemento da dicotomia têm um final feliz, enquanto as outras são castigadas no final.

¹⁷ No entanto, é importante lembrar que nem todas as pessoas, como, por exemplo, os membros de instituições como a *DFK* e a *LgkU*, acreditavam nas narrativas de exaltação ao colonialismo e aos colonizadores que eram transmitidas pelos media, e tinham a capacidade de reconhecer que a subjugação dos povos os privava do seu direito básico à liberdade.

3.2- *Eine Weiße unter Kannibalen*

No filme *Eine Weiße unter Kannibalen*, realizado por Hans Schomburgk em 1921, o racismo estava representado no enredo de forma indireta. O filme remete imediatamente para a associação estereotipada entre povos africanos e o canibalismo, que era uma forma de traçar uma diferença drástica entre o “Eu” e o “Outro” e os conceitos de “civilizado” e “não civilizado”.

O colonizado é caracterizado como o “Outro” através de discursos baseados no primitivismo e no canibalismo. Estes discursos eram um meio de estabelecer a separação binária do colonizador e do colonizado e de afirmar a primazia da cultura colonizadora e da sua visão do mundo. (Ashcroft, Griffiths e Tiffin: 2000, p. 155.) O canibalismo era uma forma drástica de diferenciar os chamados civilizados (povos europeus) dos não civilizados (povos colonizados) e de, através de superstições e estereótipos, denegrir a imagem dos nativos através da sua desumanização, gerando medo e alimentando a ideia de que os povos brancos eram cultural e intelectualmente superiores. Este era um tema abordado frequentemente nos media: “The fascination with superstitions or cannibalism that flourished in popular and mass culture (...) closely retraced the deep social fissures that underlay the conflict.” (Short: 2012, p. 52)

A sinopse do filme *Eine Weiße unter Kannibalen* consiste na história de uma rapariga branca que cresce numa região selvagem de África. Maria (Meg Gehrts) é vista como um ser superior pelos membros da tribo local, sendo praticamente elevada ao estatuto de uma divindade. Esta ideia remete para a superioridade branca e para a consequente atração física causada pela cor da pele, indicando um certo nível de fetichismo em relação à mesma.

A atração física é imediatamente associada ao conceito de beleza, que é visto como algo natural e intrínseco aos povos brancos. A pele branca era o padrão de beleza.

No entanto, o fetichismo não se limita à sua ligação com a sexualidade. Fetichismo significava, também, do ponto de vista “do projeto de alteridade colonial (...) aquele que, por desenvolver um certo tipo de prática espiritual, se inscrevia [num] estágio primitivo, selvagem (...)” (Zalis, sem data, p. 4). Os povos colonizados eram um alvo do fetichismo por parte dos colonizadores também por estas razões. Este fetichismo baseava-se na cultura e na religião destes povos, e até na forma como a sua estrutura mental, considerada pouco desenvolvida,

como a de uma criança que precisa de ser educada, era construída na perspectiva dos colonizadores. Os próprios territórios africanos eram incluídos no discurso do fetiche, através da sua organização institucional, social e espiritual (Pietz: 1987, p. 43). Porém, apenas o fetiche com conotações sexuais era apresentado de forma explícita, de colonos para colonizados, em formas de media como o filme *Eine Weiße unter Kannibalen*, e também em *Allein im Urwald*, sendo que o fetichismo relacionada com a cultura, religião e mentalidade dos povos colonizados, está presente de forma implícita nos media, através do interesse que ainda era revelado por narrativas relacionadas com as antigas colónias alemãs.



Figura 10- Cartaz de publicidade ao filme *Eine Weiße unter Kannibalen* de Hans Schomburgk, 1921.

No cartaz do filme, a mulher branca é representada como a vítima, avistada pelo membro da tribo que aparece por trás dela. Ela encontra-se, assim, em perigo e sem condições de se proteger. Este indivíduo está representado de forma sinistra, com a pele muito escura, os lábios excessivamente grandes e com características que são associadas às tribos, como o uso

de brincos nas orelhas e no nariz.¹⁸ A figura masculina é vista como ameaçadora, pois está implícito na imagem que vai atacar a mulher. Este membro da tribo representa o perigo e o descontrolo sexual, sendo visto como um predador, enquanto a figura feminina branca é uma vítima e representa a inocência.

“With its lurid sensationalism and melodramatic kitsch, Schomburgk’s film, it would seem, left no cliché untouched, giving the familiar damsel-in-distress motif a colonial twist that plays upon the taboos of miscegenation, here associated with the unbridled sexuality of a black male.” (Rogowski: 2010, p. 228)

Aqui estão claramente presentes dinâmicas de poder, mas invertidas, visto que a vítima é a mulher branca, frágil, desprotegida e suscetível aos perigos que a rodeiam, e o perigo são os membros da tribo. Na realidade, as mulheres indígenas eram sexualizadas e o perigo principal eram os povos brancos, que procuravam oprimir os povos nativos e sujeitá-los à sua vontade.

Assim, ao escolher uma mulher branca para protagonizar o filme, Schomburgk conseguiu, tal como foi mencionado por Rogowski (2010), explorar os estereótipos da “donzela em apuros” (p. 228), e representar a alegada sexualidade desenfreada dos nativos.

Rogowski apresenta uma breve descrição da representação de diversas etnias e nacionalidades no cinema alemão onde são frequentemente visíveis representações baseadas em estereótipos. Segundo o autor, os chineses são tipicamente representados como astutos e ardilosos, os indianos como místicos, e os japoneses como pessoas sérias e recatadas. Estas descrições permitem que os alemães se definam em oposição ao “Outro”.

A tentativa de definição por parte dos alemães em relação ao “Outro” é bastante importante e está interligada com a ideia de Jacqueline Rose, que defendia que Germanidade e aquilo que a define, sempre foi construído em relação aos não-alemães, em relação ao Outro (*apud* Jones: 2014, p. 5). As ideias de “Eu” e “Outro”, geram autoconsciência,

¹⁸ “African jewelry is seldom just ornamental; religion, rituals and ceremonies play a large part. Found objects are often included and can carry personal and symbolic meanings for the wearer.” Fonte: <https://www.contemporary-african-art.com/african-jewelry.html>

autoconhecimento e bases para o conceito de identidade, enquanto os estereótipos que ajudam na construção do Outro simplificam a realidade, reduzindo as pessoas enquadradas neste espectro da diferença apenas a estas ideias preconcebidas.

Apesar dos filmes que abordavam o colonialismo não serem o principal foco do cinema do período entre as guerras, tinham um papel importante:

“[The movies that were produced] in the early Weimar period [were] compensatory in nature. Such films create an imaginary space, with exotic locales that promise fulfillment of fantasies of power and eroticism, fantasies that erase the stigma of world political humiliation. In a sense, then, early Weimar popular cinema constitutes a kind of surrogate colony that caters to the bruised national ego.” (Rogowski: 2010, p. 228)

Tal como foi mencionado anteriormente, o colonialismo não era um tema central do cinema entre as guerras, pois não havia um apelo ao mesmo ao longo dos enredos. O colonialismo estava presente de forma indireta, não sendo o tema principal da história, mas sim parte da mesma. O tema em questão estava presente nas narrativas através dos seus subtemas como o racismo e a superioridade branca, e também nas dicotomias recuperadas do passado, como Eu/Outro e branco/negro. A exploração de dinâmicas coloniais era apenas uma das partes do enredo. No entanto, esta representação é considerada relevante, visto que a sua natureza pode ser considerada compensatória. Ou seja, o cinema colonial do pós-guerra, enquanto forma de media, tinha o objetivo de repor as imagens exóticas e de manter o tema do colonialismo presente nos grandes ecrãs. Os filmes permitiam que as mentes dos espetadores, em vez de estarem ocupadas com os sentimentos negativos trazidos pela Primeira Guerra Mundial e pela perda das colónias, estivessem ocupadas por antigas fantasias coloniais, locais exóticos e sentimentos como superioridade, prestígio e domínio. Mesmo após a perda das colónias e, conseqüentemente, a diminuição da proximidade alemã com África, esta ainda era representada como um local romantizado¹⁹, o que alimentava as fantasias coloniais. A humilhação política que a Alemanha tinha sofrido após o fim da Primeira Guerra Mundial seria também curada por estas fantasias e pelos sentimentos de grandeza que estas geram.

¹⁹ Vai ao encontro do que foi dito na secção 1.1.

Com os filmes *Allein im Urwald/Die Rache der Afrikanerin* e *Eine Weiße unter Kannibalen*, é possível ver as diversas formas como o povo africano era representado no cinema. Em *Allein im Urwald*, o espectador vê o comportamento dos povos nativos quando estes estão inseridos na sociedade e em contacto com os colonizadores. Deste cenário nascem dois estereótipos: O primeiro é visível na personagem Ngumba e é o da pessoa negra que é pouco confiável, pois é vingativa. O segundo é o do servo fiel, visto na personagem Bell. Em *Eine Weiße unter Kannibalen*, o povo africano encontra-se representado na ausência da influência dos colonizadores, pois o filme mostra tribos selvagens e primitivas. As duas representações correspondem às diferentes crenças que foram desenvolvidas pelos alemães ao longo do seu domínio colonial. Segundo Schubert (2011), no início do colonialismo alemão, acreditava-se que os indígenas conseguiriam ser ensinados e beneficiar da presença alemã nos territórios. Aqui encaixam-se as perspectivas de autores anteriormente mencionados como Moldenhauer e Hübbe-Schleiden. No entanto, entre 1904 e 1906, esta perspectiva mudou e passou-se a acreditar que os indígenas eram selvagens demais para serem domesticados. A primeira perspectiva encontra-se representada no filme *Allein im Urwald* e a segunda do filme *Eine Weiße unter Kannibalen*.

Os media têm o objetivo de entreter o seu público ou audiência, mas, para além de serem uma fonte de lazer, pretendem influenciar a forma como as pessoas pensam e veem a realidade e o cinema alemão vai ao encontro desta finalidade. Apesar de ser uma fonte de entretenimento, tem também o objetivo de alimentar as fantasias coloniais do passado através de enredos que contêm dicotomias de superioridade e inferioridade conhecidas e apreciadas pelo espetador, e de imagens exóticas que despertam o interesse e a curiosidade das audiências.

Mesmo que não houvesse um apelo direto ao colonialismo e mesmo que a inclusão de certas mensagens ou dicotomias fosse involuntária, a escolha do enredo não era. Havia filmes que eram deliberadamente filmados em África e a escolha das personagens, da sua etnia, personalidade e papel, também era intencional. Desta forma, é possível afirmar que o cinema tentou, através das suas representações, compensar a perda das colónias e dar continuidade a temas e dicotomias de poder que tinham estado presentes na Alemanha colonial.

4- O colonialismo na arte alemã

A arte sofreu mudanças drásticas no século XX, quando os padrões clássicos foram abandonados e substituídos pelas excentricidades e mensagens subliminares presentes nas vanguardas artísticas, como o expressionismo e o dadaísmo. Estas vanguardas pretendiam criticar os hábitos burgueses e os *standards* relacionados com a arte e trouxeram uma nova forma de interpretar produtos artísticos, atribuindo novos significados à imagem. No entanto, apesar das vanguardas serem inovadoras, de quebrarem a tradição e as regras para produzir e interpretar a arte, eram elitistas, característica que partilhavam com a arte clássica, pois continuavam a ter um público-alvo específico, que eram as classes sociais mais elevadas.

De acordo com Price e Smith (2019), o período após a Primeira Guerra Mundial foi um período de criação intensa que terminou com uma ditadura sem precedentes na Europa moderna (p. 629).

A “história da Alemanha negra”, que era frequentemente desprezada, era mais antiga do que as duas guerras mundiais e até que o colonialismo alemão. Na arte são visíveis indícios deste desprezo e de como é antiga.

“(...) Black German history did not spring from the wreckage of the First and Second World Wars, or even German colonization, as it was once believed. Black history has been here far longer and yet, like the body and face of Maurice²⁰, has been actively whitened and negligently forgotten over time (...)”
(Esuruoso *apud* Price e Smith: 2019, p. 638)

Esuruoso menciona a forma como São Maurício de Tebas passou a ser representado como branco aproximadamente no século XVI, quando anteriormente era negro. Assim, é possível concluir que a arte era, desde cedo, um veículo para o preconceito em relação a África. Visto que a visualidade é importante quando se tenta imaginar uma figura religiosa ou mítica, uma figura que as pessoas não conseguem ver com os próprios olhos, ao representarem São

²⁰ São Maurício de Tebas (inicialmente representado como negro, mas ao longo dos anos começou a ser representado como branco).

Maurício como branco, estariam a contribuir para que o imaginário dos observadores o reproduzisse enquanto homem branco.

São estes os motivos pelos quais é importante analisar a arte nesta dissertação, pois esta incorpora não só os temas do exotismo e do colonialismo, mas também a forma como diversos artistas pensavam e agiam em relação a estes.

O objetivo desta secção será analisar a forma como os temas do colonialismo e a ele associados, como o exotismo, estavam presentes na arte do período entre as duas guerras. Para tal, serão analisadas as obras dos artistas Emil Nolde e Ernst Neuschul, sendo que o primeiro, por haver mais informação disponível, será analisado de forma mais completa do que o segundo. Por fim, será também mencionada a exposição de *entartete Kunst*, organizada pelos Nazis em 1937, de forma a demonstrar o preconceito existente em relação às obras que representavam povos não europeus, particularmente, neste caso, povos africanos. Será também mencionada a exposição de *entartete Musik*, organizada no ano seguinte, para analisar a propaganda por esta utilizada. Optei por incluir este cartaz nesta secção de forma a dar continuidade à exposição de *entartete Kunst* e também porque a música é uma forma de arte. No entanto, este cartaz deve também ser associado à secção 2 deste trabalho, porque, como foi dito anteriormente, é um cartaz de propaganda.

4.1- Emil Nolde

Emil Nolde (1867-1956) foi um pintor expressionista alemão, membro do grupo *Die Brücke*. Apesar do seu estilo de pintura se enquadrar no expressionismo, Nolde não se considerava um expressionista, mas sim um artista alemão: „Intellektuelle Kunsthilfen nennen mich Expressionist; ich mag diese Beengung nicht. Deutscher Künstler, das bin ich.” (apud Pois: 1972, p. 227) Os seus quadros eram caracterizados por cores vivas e contrastantes, pelo uso excessivo de tinta, assim como a deformação dos rostos das personagens retratadas. Nolde identificava-se também com a revolta sentida pelos expressionistas em relação ao impressionismo francês. Nolde era um apoiante do regime nazi e a sua ideologia estava alinhada com as ideias racistas e antissemitas difundidas pelo partido, tendo a preocupação de agradar aos membros do regime. “Nolde was the only one of the major Expressionists who was, in any real sense worried about entering good the graces of the Nazis.” (Pois: 1972, p.253)

Apesar de ser apoiante do regime, em 1933, a sua arte foi considerada degenerada. Em 1934, foi proibido de pintar pelo governo e o seu trabalho foi incluído na exposição *entartete Kunst* de 1937.

“In the Degenerate Art exhibition in Munich in 1937, the Nazi art officials mockingly displayed twenty-seven of his works together with those of most other important modern artists. Soon all his paintings not in his own or other private hands were seized, and some were sold at auction in Switzerland”. (Selz: 1963, p. 70)

As obras de Nolde eram consideradas degeneradas porque ele representava indivíduos que não eram brancos, à presença do exótico, assim como o facto do seu estilo artístico se enquadrar no da vanguarda expressionista e, por isso, não se enquadrar na chamada arte clássica. “The petty-bourgeois taste of Hitler himself prevailed against all aspects of modernism, and Nolde in particular was singled out for attack as a "degenerate artist" (...)” (Selz: 1963, p. 70)

Foi em 1913, após fazer uma viagem pelo Oceano Pacífico que Nolde começou a introduzir novos elementos no seu trabalho. Foi devido às suas viagens por territórios exóticos, como às colónias alemãs de *Kaiser-WilhelmsLand e Neu-Mecklenburg*, atualmente Papua Nova Guiné e Nova Irlanda, que o interesse que Nolde sentia pelo desconhecido aumentou e foi incorporado nas suas obras.

“Nolde’s enthusiasm for what he imagined to be pure and childlike qualities of the ‘primitive’ peoples and his admiration for the expressive vitality of non-European art, reached a peak in 1913 when he decided to join an ethnographic and demographic expedition to German New Guinea.”²¹

Apesar do seu racismo ideológico, o seu trabalho refletia-o pouco. (Pois: 1972, p. 259). No entanto, o racismo ideológico é visível na citação acima apresentada, visto que Nolde pensava de acordo com os estereótipos que indicavam que os nativos eram pessoas primitivas, com uma mente que poderia ser comparada à de uma criança, o que assinalava a inferioridade dos povos indígenas e reforçava a superioridade dos povos brancos. Nolde mostrava também um grande interesse pelo desconhecido e pelo exótico:

“In a letter sent while on his journey, Nolde wrote, ‘All these countries are so unique, the people, the animals, the plants, everything is so strange, not always beautiful, but always interesting.’”²²

²¹ Citação retirada do site *Stephen Ongpin Fine Art*: <https://www.stephenongpin.com/object/791007/18217/head-of-a-south-sea-island-woman-bildnis>

²² Citação retirada do site *Stephen Ongpin Fine Art*: <https://www.stephenongpin.com/object/791007/18217/head-of-a-south-sea-island-woman-bildnis>



Figuras 11 e 12- *Bildnis einer Südseeinsulanerin* (1914) e *Südsee-Insulaner II* (1915) de Emil Nolde.

As figuras 11 e 12 correspondem a obras que representam os nativos de territórios banhados pelo Oceano Pacífico que o artista visitou na sua viagem de 1913. *Bildnis einer Südseeinsulanerin* e *Südsee-Insulaner II* retratam, respetivamente, uma mulher e um homem nativos de uma ilha do Oceano Pacífico. O primeiro é uma aguarela, enquanto o segundo é uma litografia em papel²³. As duas figuras apresentam traços que eram tipicamente utilizados na representação de indivíduos não europeus, como bocas e narizes largos, e a mulher usa um brinco comprido. No entanto, é importante mencionar que, ao contrário do que era feito por outros artistas²⁴ ou no passado²⁵, estas representações não aparentam ser feitas de modo exagerado. Tal como foi mencionado anteriormente, Nolde, apesar de apresentar valores antissemiticos e racistas, não os incluía nas suas obras.

“He hoped, however, that by absorbing some of the culture of the islanders, he would be able to approach the mystic sources of art and recapture what Jung would call a “racial memory”²⁶.” (Selz: 1963, p. 33)

²³ *Wove paper* em inglês;

²⁴ Como será analisado na secção sobre as obras que foram expostas na exposição de *entartete Kunst*;

²⁵ Como na publicidade e nos cartazes dos filmes que foram analisados em capítulos anteriores;

²⁶ *Racial memories* são memórias, sentimentos e ideias herdadas dos nossos antepassados como parte de um "inconsciente coletivo".

Assim, tendo a citação de Selz em conta, pode-se constatar que Nolde tinha uma mentalidade que ia ao encontro do conceito de apropriação cultural, visto que pretendia “absorver alguma cultura dos nativos” e também ter acesso a ideias que eram inerentes à sua cultura, ideias estas que eram inatas e não adquiridas.

Segundo o meu ponto de vista, o facto de o observador ver apenas a representação da face das pessoas, sem nenhuma paisagem no fundo, mostra que o artista queria que a atenção do observador fosse dedicada às pessoas que pintava. As duas figuras demonstram o interesse do artista em representar indígenas, interesse este, que, segundo o artista, era motivador e uma fonte de adrenalina:

“These wanderings awoke a dormant interest in unusual types and forms. “My heart beat faster,” Nolde wrote many years later in his *Das Eigene Leben*, “when I painted a Russian, a Chinaman, a South-Sea Islander or a gypsy.”” (Benson: 1993, p. 14)

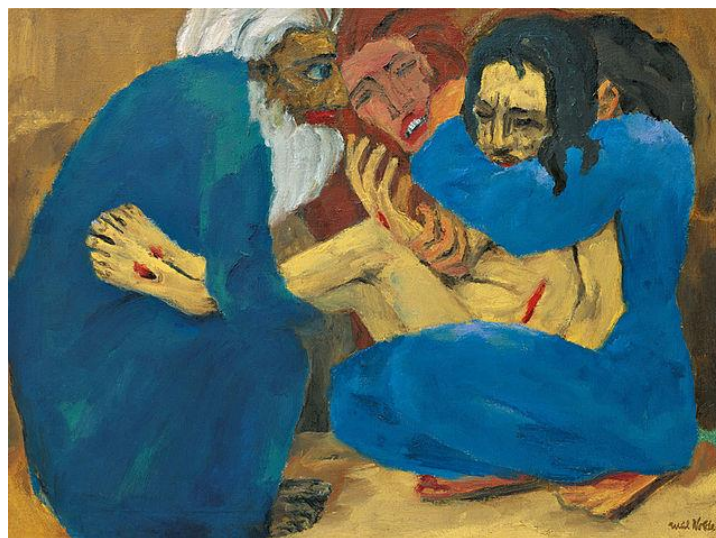


Figura 13- *Die Grablegung* (1915) de Emil Nolde.

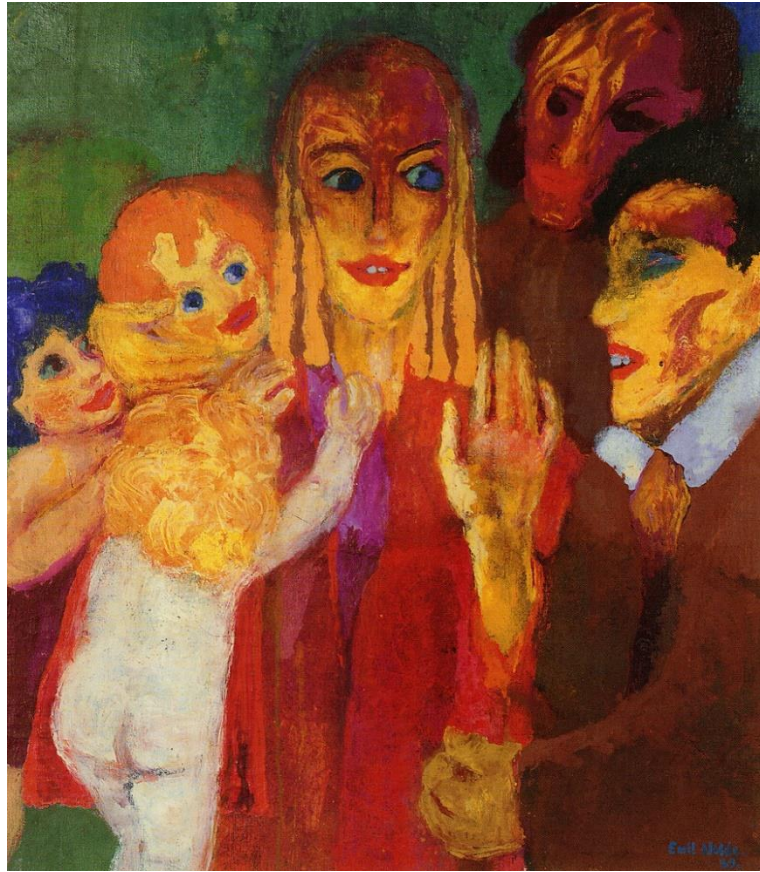


Figura 14- *So ihr nicht werdet wie die Kinder* (1929) de Emil Nolde.

Die Grablegung é uma pintura a óleo de 1915 que retrata a morte de Cristo. As figuras que integram a pintura são claramente exóticas e fogem à tendência de serem representadas como brancas. São João tem feições semelhantes às de uma máscara, o que alude ao interesse de Nolde pelas mesmas. Este tipo de representação é repetido anos mais tarde na obra *So ihr nicht werdet wie die Kinder*, que também é uma pintura a óleo, dado que as faces dos apóstolos são também semelhantes a máscaras. O interesse pelo que era primitivo e indígena veio a crescer ao longo dos anos, culminando nestas obras.

“Over the years Nolde's interest in primitive art had constantly grown more intense. He even hoped to publish a book on the art of indigenous peoples, based on his studies in the ethnological museums.” (Selz: 1963, p. 33)

Os dois quadros apresentam cores intensas e contrastantes, o que era uma das principais características do estilo expressionista, assim como a utilização de grossas camadas de tinta.

Obras como *Bildnis einer Südseeinsulanerin* (1914), *Südsee-Insulaner II* (1915) e *Die Grablegung* (1915) foram produzidas durante o início da Primeira Guerra Mundial e demonstram que o exótico estava presente na obra de Nolde. Formando uma conexão entre *Die Grablegung* e *So ihr nicht werdet wie die Kinder* (1929), é demonstrado que o interesse sentido por Nolde em relação ao exótico durante o tempo em que a Alemanha ainda tinha colônias, não desvaneceu após o fim do colonialismo alemão.

A continuação do seu interesse pelo exótico mesmo após o fim da Primeira Guerra Mundial, é também visível na pintura *Martyrium II* de 1921, que precede a pintura *So ihr nicht werdet wie die Kinder*, mas é também uma evidência deste interesse.

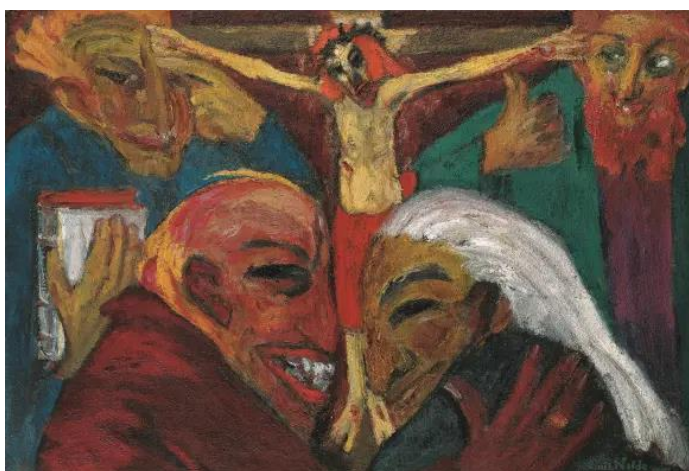


Figura 15- *Martyrium II* (1921) de Emil Nolde.

Mesmo depois do fim da Primeira Guerra Mundial, as obras de Emil Nolde continuavam a incluir a representação de elementos exóticos, mostrando que, mesmo após o fim do colonialismo alemão, o artista não abandonou as suas tendências exóticas e o gosto sentido em representar “o Outro”. „Mein Interesse für das Fremde, das Urweltliche (...) war besonders stark, ich musst das Ungekannte kennenlernen (...)” (Nolde *apud* Pois: 1972, p. 255).

É possível verificar que para Nolde, representar o desconhecido era uma característica quase endêmica à sua arte, pois tinha a necessidade de aprender mais sobre o mesmo. Esta curiosidade foi encorajada pelas viagens do artista e não diminuiu ao longo do tempo, sendo consolidada através da sua arte.

As suas pinturas eram marcadas pelo exotismo, pela representação de indígenas, de máscaras, e por algumas características que estavam alinhadas com o estilo expressionista, como a utilização de cores fortes e contrastantes e a utilização de camadas grossas de tinta.

Assim, as obras de Nolde eram uma forma de dar continuidade ao interesse pelo exotismo e de dar continuidade a sentimentos de superioridade por parte do observador branco, sentimentos estes que eram forjados pelo colonialismo e pelo passado alemão que envolve o mesmo.

4.2- Ernst Neuschul

Após o fim da Primeira Guerra Mundial, foi formado o *Novembergruppe*, um grupo formado por vários artistas, como pintores, escultores e escritores. Este grupo pretendia unir a arte e os artistas através de uma revolução socialista, sendo, assim, expressamente contra o fascismo. Os seus membros descreviam-se como radicais e revolucionários. Um dos artistas que fez parte deste grupo foi o pintor Ernst Neuschul, que produziu uma obra relevante para o tema desta dissertação.

Ernst Neuschul (1895-1968) foi um pintor expressionista e as suas obras apresentavam características desta vanguarda artística, como cores intensas e formas abstratas. Após a Primeira Guerra Mundial, as suas obras alinhavam-se com o estilo da *neue Sachlichkeit*, pois o artista procurava representar a sociedade como ela era, o que incluía os problemas da mesma. Assim, Neuschul representava temáticas do quotidiano, trabalhadores, desempregados e minorias.

O seu interesse em representar o “Outro” podia ser derivado das suas raízes judaicas, mas também do desejo de se opor aos valores defendidos pelo nacional-socialismo. Segundo Layne (2018), há algo inerentemente político em jogo quando um artista alemão branco (e do sexo masculino) utiliza a cultura afro-americana ou uma personagem afro-americana na sua arte (p. 6). Ou seja, por vezes, a inclusão de personagens com raízes africanas ou a inclusão da cultura afro-americana numa obra de arte feita por um artista branco deve-se ao desejo de adotar uma posição política, de forma a mostrar discordância ou desagrado em relação àquilo que é defendido pelo governo. A paráfrase que foi feita em relação à forma de pensamento de Layne, aplica-se ao trabalho de Neuschul quando este representava personagens africanas nas suas obras, e vai ao encontro do que foi afirmado por Price e Smith (2019): “(...) for Neuschul the representation of ethnic difference was more likely a political stance against the forces of fascism.” (p. 645)

A sua obra é inclusiva ao representar pessoas de várias etnias e classes sociais e ao demonstrar consciência social e apresenta críticas à sociedade e ao regime nacional-socialista. Por este motivo, o trabalho de Neuschul foi censurado. Em 1933, o artista foi afastado do seu cargo de professor de Belas Artes na Academia de Belas Artes de Berlim. Nesse mesmo ano, foi encerrada uma das suas exposições e muitas das suas obras foram vandalizadas com suásticas.

Apesar de não haver muita informação disponível sobre as obras do artista, razão pela qual esta secção é relativamente curta, é importante mencioná-lo, visto que foi um dos artistas que procurou representar minorias de forma a demonstrar a sua situação que era vivida na Alemanha. Para esta dissertação, é importante mencionar uma das suas obras, pois considero-a bastante importante para o tema e também para representação de uma minoria, neste caso, os africanos. Assim, esta secção do trabalho focar-se-á no quadro *Negermutter* (1931).

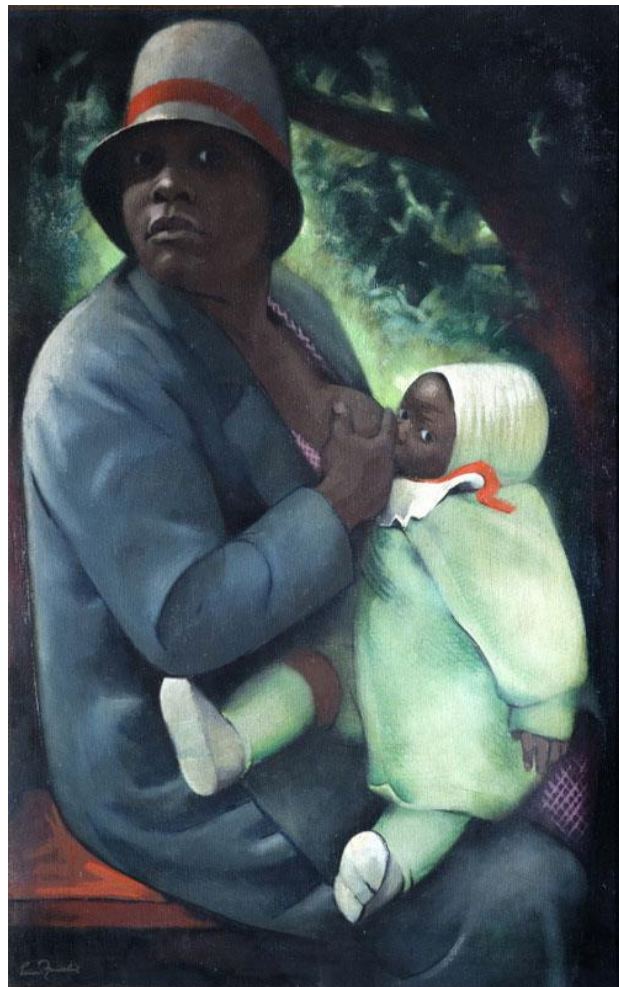


Figura 16- *Negermutter* (1931) de Ernst Neuschul.

O quadro *Negermutter* foi feito em 1931 e é uma representação de uma mulher negra a amamentar o seu filho bebé. Em 1931, o partido nazi estava a ganhar uma crescente relevância, a obter mais apoiantes e votos nas eleições. Desta forma, o ódio e a desconfiança contra as minorias étnicas, como os judeus, os negros e os ciganos, estava a aumentar.

Quer a mulher, quer o bebé estão a olhar diretamente para o observador e a mulher aparenta ter um olhar ambíguo. Por um lado, parece assustado e desconfiado, mas por outro parece determinado, como se estivesse segura de si mesma.

Assim, é possível fazer a ligação entre o seu estado de espírito, que está sujeito à perspetiva e à interpretação do observador, e o que a mulher representada estaria a experienciar na Alemanha, nomeadamente, a discriminação contra pessoas negras. Por um lado, podia sentir-se em perigo e olha para o observador como se este fosse uma ameaça. Por outro lado, pode estar a olhar para o observador e a demonstrar coragem e resistência. O facto de a mulher estar sentada no exterior, poderá simbolizar a forma como esta era julgada pela sua aparência, pelo seu exterior, e não pelo seu interior, e contribui também para a ideia de que podia estar em perigo. Se o espaço escolhido para a representação das duas figuras fosse um espaço fechado, como uma casa, haveria a criação de um cenário acolhedor e resguardado, mas a escolha do exterior remete o observador para a ideia de exposição, vulnerabilidade e possível falta de segurança.

É também importante realçar o facto de que esta imagem seria bastante chocante no contexto europeu de 1931, visto que as mulheres não deviam amamentar em público. Ao colocar uma mulher africana a amamentar o seu filho, que não aparenta ser recém-nascido²⁷, no exterior e a olhar diretamente para o observador, Neuschul pretendeu claramente chocar o público, demonstrando simultaneamente as suas crenças políticas.

A figura feminina deste quadro é uma personificação dos sentimentos das minorias que residiam na Alemanha, das pessoas que foram oprimidas pelas mesmas durante a época do colonialismo. Estão envolvidos uma mistura de medo, devido à opressão, violência e discriminação, mas também coragem e resistência. Este é um dos motivos pelos quais considero que este quadro é bastante relevante para este tema. O outro motivo é a forma como esta pintura é mais uma evidência que o tema da “Alemanha negra”, que foi anteriormente mencionado, ainda estava presente nas obras de arte posteriores à perda das colónias. Mais uma vez, reforço a ideia de que este tipo de pinturas relembra aqueles que são saudosos em relação ao colonialismo alemão do mesmo. É importante relembrar que mesmo que este tema seja abordado em defesa dos oprimidos, irá gerar debates em que pessoas com opiniões diferentes

²⁷ Respectable women in the West were not (...) “supposed” to sit in parks, in their hats, with their breasts exposed, (...) feeding embarrassingly large babies (...)” citação retirada de <https://germanexpressionismleicester.org/leicesters-collection/academic-reports/academic-essays/in-search-of-the-black-mother/>

irão participar. Desta forma, será uma chance de dar continuidade ao tema do colonialismo alemão, da perda das colônias e dos povos nativos, assim como as minorias que residiam na Alemanha.

Por último, será importante destacar que Neuschul, ao incluir os sentimentos das minorias africanas na sua arte e através da representação desta mulher, não tentou fazer uma apropriação de uma história que não lhe pertencia, visto que era um homem branco. As minorias não tinham forma de se expressar e quando o faziam eram oprimidas. Assim, Neuschul utilizou a sua influência e a sua arte para poder expressar os sentimentos daqueles que não tinham uma voz proeminente na sociedade onde viviam.

4.3- Exposições de *entartete Kunst* e *entartete Musik*

A 19 de Julho de 1937, foi inaugurada uma exposição de *entartete Kunst* em Munique. A exposição foi uma das técnicas propagandísticas adotadas pelos nacionais socialistas para espalhar a sua ideologia e censurar os artistas que não a seguiam. Deste modo, foram expostas obras consideradas insultuosas, por exemplo, para a religião e para o Estado. A este conjunto juntaram-se também obras produzidas por judeus e por outras minorias, obras que tivessem influências estrangeiras ou de vanguardas tais como o modernismo, o expressionismo e o dadaísmo, e obras onde estivessem representados temas como a homossexualidade e o comunismo.

Parte da arte presente na exposição de *entartete Kunst* organizada pelos nacionais socialistas era considerada degenerada por incluir elementos associados a culturas estrangeiras, de outros continentes, o que levaria a um declínio da cultura ocidental e da qualidade dos produtos artísticos.

Em seguida, serão demonstradas e analisadas duas obras que foram incluídas na exposição.



Figura 17- *Joseph und Potiphars Frau* de Eugen Hoffmann, sem data.

A figura 17 é uma escultura feita por Eugen Hoffman, com o título *Joseph und Potiphars Frau*, que integrou a exposição de *entartete Kunst*. É possível identificar nas figuras traços que não são comuns na representação de europeus. As duas figuras têm traços desfigurados, semelhantes às de um primata ou quase alienígenas. De acordo com Castro Varela e Dhawan, as representações associadas a povos estrangeiros e ao colonialismo eram frequentemente versões que deturpavam a realidade, sendo que os indivíduos eram “representados através daquilo que não eram” (*apud* Zeller: 2010, p.74).

Esta estátua encontrava-se presente na exposição por dois motivos: O primeiro motivo é que Hoffman era membro do partido comunista, o que era desaprovado, por motivos óbvios, pelo nacional-socialismo. O segundo é que a estátua é alusiva a figuras do Alcorão e da Bíblia Hebraica, nomeadamente José e a mulher de Pontifar e, por isso, não correspondia aos padrões de arte que eram aceites pelo nacional-socialismo.

Devido à representação de figuras com feições pouco detalhadas, é possível fazer uma conexão entre esta característica e a origem das personagens. Apesar de asiáticos e africanos estarem presentes em obras de arte de artistas europeus, estas representações não eram precisas ou corretas, visto que muitas vezes as figuras tinham traços exagerados ou irrealistas. Neste caso, há um certo grau de irrealismo nas feições das figuras. Mesmo que fosse de forma inconsciente, os artistas demonstraram preconceito nas suas obras.

Esta estátua de Hoffman mostrava que, na época do nacional-socialismo, a arte era somente percecionada através daquilo que era aceite ou não pelo governo, relativamente à obra em si e também ao próprio artista, e as regras próprias de interpretação de arte eram ignoradas.

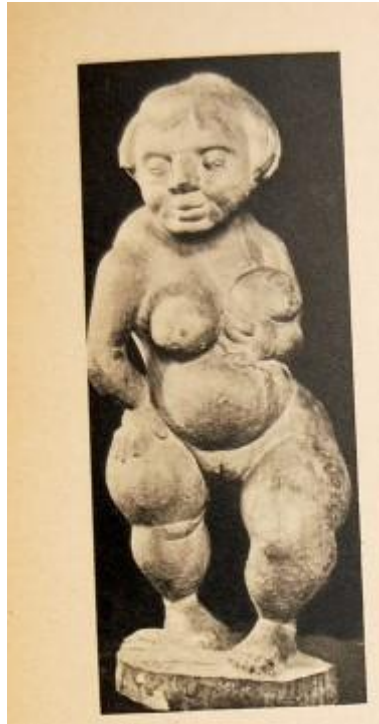


Figura 18- sem dados.

Na figura 18, encontra-se uma estátua, de autor e nome desconhecidos, que também se enquadra nas representações africanas. As representações de povos africanos em que os indivíduos surgem como os lábios excessivamente grandes e com outros traços físicos representados de forma incorreta e exagerada eram comuns também no passado. Por isso, recuperando a ideia de Castro Varela e Dhawan que foi acima mencionada, na Alemanha, as pessoas que não eram provenientes da Europa, nomeadamente indivíduos dos continentes africano e asiático, eram frequentemente representadas não de acordo com a realidade, mas sim através de uma ideia, estereótipo ou preconceito que não correspondiam à verdade.

Na imagem é também possível identificar uma figura que apesar de ser do sexo feminino, tem também traços associados ao sexo masculino. Apesar de ter órgãos genitais femininos, as feições e o cabelo são masculinos. A estátua poderá ter sido inspirada pela estátua Vénus de Willendorf, que foi esculpida, de acordo com uma estimativa, entre 28.000 e 25.000 antes de Cristo. As duas estátuas não apresentam características realistas, mas sim uma representação de uma mulher exageradamente voluptuosa, em que áreas como os seios e a barriga são extremamente volumosos, o que, em Vénus Willendorf, é um símbolo de fertilidade.

Analisando as duas estátuas acima referidas, é possível concluir que a produção artística de obras com características não europeias era censurada pelo regime nazi, que recuperou as ideias racistas do passado colonial alemão. Podemos aqui ressuscitar a ideia apresentada no primeiro capítulo desta dissertação, em que está presente a teoria que o colonialismo alemão e as atrocidades do mesmo foram uma ponte para o regime nacional-socialista.

Por último, é possível ver que a arte continuava a dar importância às antigas colônias alemãs, a ideias inspiradas nas mesmas e no exotismo inerente ao colonialismo, e que o governo suprimia estas tentativas.

A 24 de maio de 1938, em Düsseldorf, foi aberta uma exposição de *entartete Musik*. Tal como na exposição de *entartete Kunst*, aquilo que fugia ao que os Nacionais Socialistas aceitaram como cultura encontrava-se exposto. Neste caso, a música estava representada em posters e fotografias.

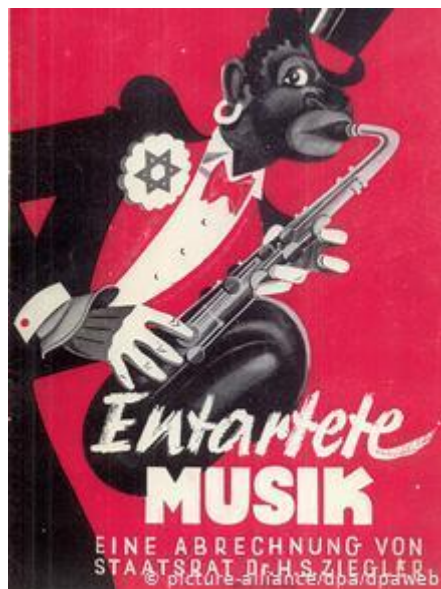


Figura 19- cartaz alusivo à exposição de *entartete Musik*.

A figura 19, corresponde à imagem de um judeu negro a tocar Jazz. É imediatamente visível a forma como os traços faciais estão representados de forma exagerada. Na figura 18, o indivíduo apresenta os lábios excessivamente grandes e feições semelhantes às de um macaco, o que contribui para a desumanização da figura do judeu e de pessoas negras. São visíveis ainda outros detalhes associados aos africanos, como o cabelo escuro encaracolado e o brinco na orelha, tal como a estrela de David que remete para o judaísmo.

A pele negra, devido a todos os estereótipos que tinham sido propagados ao longo dos anos, era associada à feiura e ao perigo. De acordo com Sander L. Gilman, este era um dos resultados da prática de representar figuras vistas como demoníacas ou ambivalentes com pele negra²⁸ (*apud* Haehnel: 2010, p. 241).

A exposição aumentou o racismo, antissemitico ou não, havendo a crença que a chamada “cultura negra” (termo difamatório), estava a tentar sobrepor-se à cultura europeia, que era vista como a cultura superior. As influências africanas na arte são consideradas prejudiciais, visto que vão modificar a arte tradicional europeia, considerada superior pelo regime nacional-socialista, que pretendia purificar a Alemanha e eliminar influências estrangeiras.

As duas esculturas e o poster acima mencionados são indícios de como a arte era influenciada pelo colonialismo, visto que todos contêm características ou representações de figuras que não são europeias. O facto das esculturas integrarem a exposição de *entartete Kunst* e o poster promover a exposição de *entartete Musik*, mostra que as dicotomias entre os povos colonizados e os povos colonizadores, a pele negra e a pele branca, e as características negativas e positivas que são associadas, respetivamente, aos dois intervenientes das dicotomias, continuavam presentes na sociedade e nas obras de arte, assim como uma clara supremacia do que era ocidental.

Assim, é possível concluir que as exposições realizadas na Alemanha nos anos de 1937 e 1938 eram uma prova que os resquícios do colonialismo, tal como as influências que este trouxe para algumas obras de arte alemãs, traziam à tona questões antigas relacionadas com dinâmicas de poder e a crença de que os europeus (e o que era europeu) eram superiores.

²⁸ Por exemplo, o papão chama-se *L'uomo nero* (O homem negro) em italiano.

Ao estabelecer uma comparação entre a pintura de Neuschul e o cartaz relativo à exposição de *entartete Musik* é possível constatar que a primeira é, segundo o meu ponto de vista, desprovida de preconceito e utilizada para expressar uma opinião política e dar voz a uma minoria, enquanto a segunda ao representar, por exemplo, as feições do músico de forma exagerada, contém preconceito.

Assim, a arte podia ser utilizada como um meio que cria visibilidade para os problemas vividos pelas minorias e pelos oprimidos, ou podia ser utilizada para desvalorizá-los (não só a sua etnia, mas também a sua cultura) e para desumanizá-los através de representações incorretas.

De acordo com a informação apresentada e analisada nesta secção da dissertação, é possível afirmar que a questão colonial está presente, direta ou indiretamente, na arte alemã do período entre as guerras.

Conclusão

O objetivo desta dissertação foi mostrar a forma como os media alemães no período entre as guerras ainda incluíam o colonialismo nos temas abordados e representados.

É importante criar um elo de ligação entre a época do colonialismo e a época que o sucedeu, uma época em que já não havia colónias, mas a mentalidade colonizadora continuava a estar presente na mentalidade de muitos alemães. O colonialismo era uma forma de alimentar o ego nacional da Alemanha através da obtenção de riquezas e matérias-primas que favoreciam o comércio, através da oportunidade de concorrer com outros países com colónias e aumentar o seu prestígio não só à escala europeia, mas também mundial. Após a perda das colónias, os media continuaram a alimentar o ego alemão, que tinha sofrido com a perda das colónias. Os media procuravam alimentar fantasias antigas através das representações que faziam e continuavam a enaltecer os alemães através de dicotomias, estereótipos e representações incorretas dos povos nativos.

A publicidade ainda continha conteúdos alusivos às antigas colónias e ao colonialismo. O conteúdo presente em revistas e em jornais era ainda alusivo ao exótico e às antigas colónias alemãs. Assim, após o fim do colonialismo alemão, a publicidade continuava a utilizada para alimentar fantasias antigas e a esperança de que um dia a Alemanha recuperaria as suas antigas colónias, o que seria positivo, visto que o colonialismo trazia prosperidade e benefícios económicos. Através da publicidade, era também formado um elo de ligação entre a Alemanha e os países que ainda possuíam colónias. Desta forma, a publicidade do período entre as guerras tentou preencher o vazio que foi deixado pela perda das colónias e deu continuidade a temas relacionados com o colonialismo.

O cinema entre as guerras, apesar de não apelar ao colonialismo, continha ainda estereótipos e dicotomias próprias da época colonial, onde o branco era visto como superior aos povos indígenas. O “Outro” era reduzido a uma descrição incompleta e a uma dualidade baseada nos conceitos “bom” e do “mau”. Quando são representados de forma positiva são extremamente leais aos chamados “mestres brancos” e estão dispostos a trair membros do seu próprio povo para defendê-los. Quando são representados com características negativas, são geralmente preguiçosos, vingativos e cruéis. Estão também representadas as alegadas diferenças entre os africanos que receberam influências europeias e os que não receberam. Os

primeiros são pessoas civilizadas, independentemente das suas personalidades e ações, enquanto os segundos são selvagens e aguerridos. O cinema, ao alimentar fantasias coloniais antigas, representar África e explorar dicotomias, tentou compensar a perda das colónias e curar o orgulho alemão, que foi ferido pela perda das colónias e pela *Kriegsschuldlüge*.

A arte, mesmo após o fim do colonialismo alemão, continha temas relacionados com o mesmo, como a representação de elementos e exóticos e de figuras não europeias. Foram analisadas as obras de Emil Nolde e de Ernst Neuschul. Com o Nacional-Socialismo, a arte exótica e referente a culturas não europeias foi integrada nas exposições de *entartete Kunst* por ir contra os ideias do regime e por incluírem características que não iam ao encontro das características que o governo considerava “corretas” ou “superiores” na arte europeia. Assim, ao ser transmitida a ideia de que a arte europeia e aquilo que era europeu eram superiores, eram despertadas dicotomias antigas.

Desta forma, através dos vários temas que foram abordados ao longo desta dissertação e através de um estudo dos media da Alemanha durante o período entre as guerras, será possível concluir que os mesmos continuaram a alimentar as fantasias coloniais, tentaram restaurar o orgulho alemão após a humilhação sofrida na Primeira Guerra Mundial e deram de facto continuidade a temas, imagens e conteúdos relacionados com o colonialismo.

Bibliografia:

- Ashcroft, B., Griffiths G.e Tiffen, A. (2000). *Post-Colonial Studies: The Key Concepts*, Routledge.
- Baranowski, S. (2011). Against “Human Diversity as Such” Lebensraum and Genocide in the Third Reich. Em *German Colonialism: Race, the Holocaust, and Postwar Germany* (pp. 51-71). Columbia University Press.
- Barnard, M. (1995). Advertising: The Rhetorical Imperative. Em *Visual Culture* (pp-26-41). Routledge.
- Benson, E. M. (1933). Emil Nolde. *Parnassus*, 5 (Nº1), (pp. 12-14, 25), publicado em College Art Association em 2014.
- Ciarlo, D. (2010). Advertising and the Optics of Colonial Power at the Fin de Siècle. Em *German Colonialism, Visual Culture, and Modern Memory* (pp. 37-55). Routledge.
- Cross, L., Seitz, L., & Walter, S. (2016). *The First of its Kind: A Cultural History of the Village Nègre*, (pp. 21–31). Digital Literature Review.
- Eckert, A. (2012). Rechtfertigung und Legitimation von Kolonialismus. Em *Aus Politik und Zeitgeschichte*. 7244 (Nº44-45):
<https://www.bpb.de/shop/zeitschriften/apuz/146975/rechtfertigung-und-legitimation-von-kolonialismus/>, consultado a 20-06-2022.
- Frenzler, H.K. (1927), *Gebrauchsgraphik- Monatsschrift zur Förderung Künstlerischer Reklame*, 4 (Nº2), (p.20, p.35). Berlin Phönix Verlag.
- Freud, S. (1911) “The Uncanny”. Em *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, XVI, The Hogarth Press and The Institute of Psychoanalysis.

- Führer, K.C. & Ross, C (2006). Introduction. Em *Mass Media, Culture and Society in Twentieth-Century German*, (pp.1-22). Palgrave Macmillan.
- Fuhrmann, W. (2010). Patriotism, Spectacle, and Reverie Colonialism in Early Cinema. Em *German Colonialism, Visual Culture, and Modern Memory* (pp. 148–161). Routledge.
- Gutschein vom Deutsch-Hanseatischen Kolonialgedenktag*. Em Deutsche Digitale Bibliothek. 307, (Nº1470), Fasz em Hamburg Landesarchiv Baden-Württemberg Staatsarchiv Freiburg: <https://www.deutsche-digitale-bibliothek.de/item/HORP36FNR7ADUNDR4B2ECYT3BI5KQU4Q> Consultado a 28-07-2021.
- Haehnel, B. (2010) “The Black Jew” An Afterimage of German Colonialism. Em *German Colonialism, Visual Culture, and Modern Memory* (pp.239-259). Routledge.
- Heyden, U. (2011) Christian Missionary Societies in the German Colonies, 1884/85-1914/15. Em *German Colonialism: Race, the Holocaust, and Postwar Germany*. (pp. 215-). Columbia University Press.
- Heyn, S. (2009). *Der kolonialkritische Diskurs der Weimarer Friedensbewegung zwischen Antikolonialismus und Kulturmission*. Wiener Zeitschrift für kritische Afrikastudien, 5(Nº 9), (pp.37-65).
- Jones, A. (1984). *Archival Materials of the Brandenburg African Company (1682-1721)*. *History in Africa*, 11, (pp. 379-389). doi:10.2307/3171645.
- Jones, J. (2014). *The spectacle haunting Europe: Colonialism, Commercialism, and everyday images of Africa in Imperial Germany*.

- Kundrus B. (2011). German Colonialism. Some Reflections on Reassessments, Specificities and Constellations. Em *German Colonialism: Race, the Holocaust, and Postwar Germany*. (pp.29-47). Columbia University Press.
- Langbehn, V. (2010). Introduction. Picturing Race: Visuality and German Colonialism. Em *German Colonialism, Visual Culture, and Modern Memory* (pp. 1-33). Routledge.
- Layne, P. (2018) *White Rebels in Black: German Appropriation of Black Popular Culture*, University of Michigan Press.
- Leffer. R. (2006) *Deutsche Kolonialzeitung: Organ der Deutschen Kolonialgesellschaft*. Niedersächsische Staats- und Universitätsbibliothek.
- Luhmann, N. (1995). *Die Realität der Massenmedien*. Springer Fachmedien Wiesbaden GmbH, Springer VS Wiesbaden.
- Merten, K. (2000). *Struktur und Funktion von Propaganda*, (pp.144-162). Publizistik.
- Moses, A. D. (2011). Hannah Arendt, Imperialisms, and the Holocaust. Em *German Colonialism: Race, the Holocaust, and Postwar Germany*. (pp. 72-92). Columbia University Press.
- Ninhos, C. (2009). “A questão colonial e a propaganda alemã. Alfredo Pimenta vs. José d’Arruela: Introdução a uma polémica.” Em *Outros Horizontes Encontros luso-alemães em contextos coloniais* (pp. 47–65).
- Opitz, A. (2009). Da Velha Alemanha ao Estado Novo. Mitos e esquemas da expansão europeia. Em *Outros Horizontes Encontros luso-alemães em contextos coloniais* (pp. 31–47).
- Pietz, W. (1987), The problem of the fetish, II: The origin of the fetish". Em *Anthropology and Aesthetics*, 13 (Nº1), (pp. 23-45). The University of Chicago Press.

- Pois, R. A. (1972). The Cultural Despair of Emil Nolde.. Em *German Life and Letters* 25 (Nº3), (pp. 252-260).
- Price, D., Smith, C. (2019). *Weimar's others: Art History, Alterity and Regionalism in Inter-War Germany* (pp. 629-651).
- Rogowski, C. (2010). The “Colonial Idea. Em Weimar Cinema. em *German Colonialism, Visual Culture, and Modern Memory* (pp. 220–238). Routledge.
- Said, E. W, (1978). *Orientalism*. Patheon.
- Selz, P. (1963). *Emil Nolde*. The Museum of Modern Art.
- Scheidl L, Ribeiro A, Aguiar de Melo, I (1988) *Dois Séculos de História alemã*, Minerva.
- Schomburgk, H (1921), *Eine Weiße unter Kannibalen*. Alemanha: Übersee-Film-GmbH.
- Schubert, M (2011) *The ‘German nation’ and the ‘black Other’: social Darwinism and the cultural mission in German colonial discourse em Patterns of Prejudice*, 45 (Nº5), (pp. 399-416). Routledge.
- Schug, A. (2007). Das Ende der Hochkultur? Ästhetische Strategien der Werbung 1900-1933. Em *Ordnungen in der Krise: Zur politischen Kulturgeschichte Deutschlands 1900-1933* (pp.501-530). Oldenbourg Wissenschaftsverlag.
- Short, J.P (2012). *Magic Lantern Empire - Colonialism and society in Germany*. Cornell University Press.
- Stanard, M. G. (2009). Interwar and Pro-Empire Propaganda Colonial Culture: Toward a European Research Comparative Agenda. Em *Journal of Contemporary History*, 44 (Nº1), (pp. 27–48). Sage.

- Strandmann, H. P. von (2011). The Purpose of German Colonialism, or the Long Shadow of Bismarck's Colonial Policy. *Em German Colonialism: Race, the Holocaust, and Postwar Germany* (pp. 193-214). Columbia University Press.
- Struck, W. (2010). Reenacting Colonialism: Germany and Its Former Colonies in Recent TV Productions. *Em German Colonialism, Visual Culture, and Modern Memory* (pp. 260–278). Routledge.
- Townsend, M. E (1928). The Contemporary Colonial Movement in Germany. *Em Political Science Quarterly*, 4 (Nº1), (pp. 64-75). The Academy of Political Science.
- Van Hoesen, B. M. (2010). Weimar Revisions of Germany's Colonial Past: The Photomontages of Hannah Höch and László Moholy-Nagy. *Em German Colonialism, Visual Culture, and Modern Memory* (pp. 197–219). Routledge.
- Vitte, A.C (2017) A preservação da paisagem e a conservação da natureza no III Reich. *Em Confins: revista franco-brasileira de geografia*, Nº32: <https://doi.org/10.4000/confins.12287>.
- Zalis, Lior Z. (sem data) *A Memória Colonial do Fetichismo*.
- Zantop, S. (1997) *Colonial Fantasies: Conquest, Family, and Nation in Precolonial Germany, 1770–1870*. University Press.
- Zeller, J. (2010). Harmless Kolonialbiedermeier? Colonial and Exotic Trading Cards. *Em German Colonialism, Visual Culture, and Modern Memory* (pp. 71–86). Routledge.
- Zimmerer J (2005) *The Birth of the Ostland Out of the Spirit of Colonialism: A Postcolonial Perspective on the Nazi Policy of Conquest and Extermination. Patterns of Prejudice* 39(Nº2): 197-219. DOI: 10.1080/00313220500106311.

Fontes digitais:

Crestock:

<http://www.crestock.com/blog/design/german-propaganda-posters-from-the-20th-century-129.aspx> consultado a 02-05-2022.

Contemporary African Art:

<https://www.contemporary-african-art.com/african-jewelry.html> consultado a 03-03-2022.

Georgina Coburn Arts:

<https://georginacoburnarts.co.uk/2018/07/16/emil-nolde-colour-is-life/> consultado a 02-04-2022.

IADDB- International Advertising and Design Database:

<https://magazines.iaddb.org/> - consultado a 04-10-2021.

Leicester's German Expressionist Collection:

<https://germanexpressionismleicester.org/leicesters-collection/academic-reports/academic-essays/in-search-of-the-black-mother/> consultado a 8-03-2022.

Peter Harrington:

<https://www.peterharrington.co.uk/blog/entartete-kunst-degenerate-art> consultado a 07-10-2021.

Portal Diplomático da República Portuguesa:

<https://portaldiplomatico.mne.gov.pt/relacoesbilaterais/paises-geral/conferencia-de-berlim> consultado a 14-01-2022.

Stephen Ongpin Fine Art:

<https://www.stephenongpin.com/object/791007/18217/head-of-a-south-sea-island-woman-bildnis> consultado a 07-12-2021.

University of Birmingham:

<https://www.birmingham.ac.uk/schools/lcahm/departments/historyofart/research/projects/map/issue3/arts-trail-pages/ernst-neuschul-black-mother.aspx> consultado a 22-11-2021.